

## Brasil<sup>2</sup>

por Eduardo Morettin\*

---

Em 2000, Fernão Ramos, ao escrever o verbete “livros” para a *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*, organizada por ele e por Luiz Felipe Miranda, observava que “a bibliografia do cinema brasileiro possui hoje uma dimensão considerável” (p. 334). Esse volume, dezessete anos depois, aumentou. Se considerarmos apenas o período silencioso no Brasil, constatamos que a produção é bastante significativa, sinal da consolidação de um campo e, após os estudos de Paulo Emílio Salles Gomes e Maria Rita Galvão, da razoável cobertura de lacunas tanto do ponto de vista regional, dada a dimensão continental de nosso país, quanto temática.

A “dimensão considerável” se tornaria aqui um universo transbordante se incluíssemos as teses e dissertações defendidas em nossos programas de pós-graduação e as pesquisas publicadas em periódicos científicos e anais de congressos científicos. No caso da primeira produção, indicamos os links dos bancos de dados que permitirão o acesso a essas informações a partir de pesquisas com palavras-chave. No que diz respeito aos artigos, acreditamos que os livros da Sociedade de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine) e a sua revista, *Rebeca*, na bibliografia relacionados, concentram parte importante desse quadro, porta de entrada para um conjunto de pesquisas muito consistente, rico em suas abordagens e diverso e inovador nos temas que enfrenta.

Tendo em vista o oceano a navegar, o recorte foram os livros e capítulos de livro publicados sobre o tema, sempre correndo-se o risco de uma ou outra referência ter ficado de fora, motivo pelo qual nos desculpamos de antemão.

---

<sup>2</sup> O trabalho somente foi possível em virtude dos acervos das bibliotecas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e da Cinemateca Brasileira. Agradeço a todos os funcionários das duas instituições, exemplos de dedicação em tempos tão bicudos.

**AA.VV. *Cinema brasileiro. Oito estudos.* Rio de Janeiro: Embrafilme/Funarte, 1980.**

O livro é fruto de concurso promovido pela Embrafilme em 1977 a propósito das comemorações dos 80 anos de cinema brasileiro. Dos sessenta trabalhos inscritos, a comissão organizadora, composta por Cosme Alves Neto, José Tavares de Barros e Ismail Xavier, selecionou oito pela “significativa contribuição à historiografia do cinema brasileiro” (p. 5). Dentre os que se dedicam ao estudo do cinema silencioso, destaque. Celina do Rocio e Clara Satiko Kano, “*Pátria Redimida.* um filme revolucionário” (pp. 9-50), sobre documentário de João Baptista Groff sobre a chamada revolução de 1930; Rudá de Andrade e Maria Rita Galvão, “Eduardo Abelim” (pp. 51-87), “a primeira pessoa a fazer cinema” em Porto Alegre; Solange Straub Stecz e Elizabeth Karam, “Com Aníbal Requião nasce o cinema no Paraná” (pp. 89-107), acerca do referido “pioneiro”; Márcio da Rocha Galdino, “Paulo Benedetti. Dossiê” (pp. 109-135), “primeiro artesão e industrial de nosso cinema”; e, por fim, Jean-Claude Bernardet, “A cidade, o campo” (pp. 137-150), pensando a representação do tema no cinema brasileiro “como uma das expressões (...) da evolução do capitalismo”.

**AA.VV. *Il cinema brasiliano. Traduzione dal portoghese di Aldo Borla.* Genova: Silva Editore, 1961.**

A primeira parte é dedicada à “cenni storici sul cinema brasiliano”, como textos de Pery Ribas, “Il cinema in Brasile fino al 1920” (pp. 13-24), Caio Scheiby, “Il cinema a San Paolo” (pp. 25-32) e “Cicli regionali (Recife e Campinas)” (pp. 33-39); e Humberto Mauro, “Il ciclo di Cataguazes” (pp. 40-42). Há estudos também sobre diretores do período silencioso, como “Mauro e due altri grandi” (pp. 65-71), de Paulo Emílio Salles Gomes (sendo os dois outros grandes Mário Peixoto e Lima Barreto, este sem vínculo com o recorte aqui proposto), e “*Limite*, di Peixoto”, uma entrevista com Plínio Sussekind da Rocha. Encontramos, por fim, um capítulo sobre o Chaplin Club escrito por Octávio de Faria e “Una situazione coloniale?”, emblemático artigo escrito por Paulo Emílio para o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* que, nesse projeto editorial, fecha o livro.

**ALMEIDA, Claudio Aguiar. “A Igreja católica e o cinema. *Vozes de Petrópolis, A Tela e o jornal A União* entre 1907 e 1921”. En: Capelato, Maria Helena, Eduardo Morettin, Marcos Napolitano e Elias Thomé Saliba (orgs.). *História e Cinema. Dimensões históricas do audiovisual.* São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2007, pp. 315 -332.**

O autor analisa como os franciscanos de *Vozes de Petrópolis*, auxiliados pelos leigos do *Centro da Boa Imprensa*, procuraram controlar o cinema, parte de um projeto mais geral de propaganda do catolicismo junto à sociedade brasileira nas décadas de 1910 e 1920, ação que demonstra, nas palavras do autor, “a sua enorme capacidade de recriar-se interpretando as questões do presente a luz da sua própria tradição” (p. 315).

**ALMEIDA, Claudio A. O cinema como "agitador de almas". Argila, uma cena do Estado Novo. São Paulo: Annablume, 1999.**

Apesar de centrar sua análise no filme *Argila* (1940), de Humberto Mauro, e no exame dos projetos ideológicos que lhe conferem suporte, dedica um capítulo do livro ao cinema brasileiro dos anos 1920, analisando a trajetória do diretor e da atriz e produtora Carmen Santos, além das campanhas empreendidas pela revista *Cinearte* (1926-1942) a favor do cinema brasileiro e de uma maior participação do Estado no controle da produção.

**ALMEIDA, Guilherme de. Cinematographos. Antologia da crítica cinematográfica. Organização de Donny Correia e Marcelo Tápia. São Paulo: Casa Guilherme de Almeida e Editora da Unesp, 2016.**

Seleção de críticas de cinema publicadas pelo escritor Guilherme de Almeida na coluna “Cinematographos” para o jornal *O Estado de S. Paulo* entre os anos de 1926 a 1942 (pp. 19-613). Dispostas cronologicamente, o livro traz ao final um apêndice que reúne uma série de artigos do poeta intitulado “Memórias de um fã”, publicados em 1936. Completam o extenso volume: uma apresentação geral de Marcelo Tápia; dois estudos de Donny Correia, um sobre a chamada “metodologia crítica” de romancista, historiando o projeto e justificando a seleção, e outro sobre o interesse de Guilherme de Almeida pela trajetória do ator Olympio Guilherme, que venceu um concurso da Fox promovido no Brasil em 1927 para escolher dois novos atores destinados a estrelar filmes americanos; e uma análise da coluna “Cinematographos” por Erika Lopes Teixeira.

**ANDRADE, Mário de. No cinema. Organização de Paulo José da Silva Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.**

O escritor modernista Mário de Andrade pouco escreveu sobre cinema, se compararmos essa produção com a crítica sobre música e literatura. Esse pouco foi

reunido por Paulo Cunha, responsável pelo ensaio “Mário de Andrade. leitor e crítico de cinema”. No livro encontramos as críticas publicadas entre 1922 e 1943. No que diz respeito ao cinema silencioso, interessa-se por *Foolish Wives* (*Esposas Ingênuas*, 1922), de Eric von Stroheim, *Faust* (*Fausto*, 1926), de Murnau, a comédia de Charles Chaplin, sendo raro o comentário sobre filmes brasileiros, como é o caso do feito a *Do Rio a São Paulo para casar* (1922), de José Medina. A relação entre modernismo brasileiro e cinema foi examinada por Ismail Xavier, em *Sétima Arte. Um culto moderno*, obra que será comentada abaixo.

**ANDRADE, Rudá de. *Cronologia da cultura cinematográfica no Brasil*. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1962.**

Esta cronologia se inicia em 1910, com a iniciativa do diretor do Museu Nacional (RJ), Edgar Roquette-Pinto, de criar uma filмотeca científica, e com a realização de *Minas Gerais* por Aristides Junqueira. Interessa-se, portanto, mais por eventos que se relacionam à cultura cinematográfica, como a criação de revistas, publicação de livros e formulação de políticas, como a determinação de Fernando de Azevedo, diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal, para o uso do cinema em escolas.

**ARAÚJO, Luciana Corrêa de. “Cléo de Verberena e o trabalho da mulher no cinema silencioso brasileiro”. En: Holanda, Karla e Marina Tedesco (org.). *Feminino e Plural. Mulheres no cinema brasileiro*. São Paulo: Papyrus, 2017.**

O texto analisa a trajetória de Cléo de Verberena, a primeira mulher a dirigir um longa-metragem no Brasil, intitulado *O mistério do dominó preto* (1930), ainda filmado no modo silencioso.

**ARAÚJO, Vicente de Paula. *A bela época do cinema brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1976.**

*A bela época do cinema brasileiro* permitiu que muitas informações dispersas fossem reunidas e postas a serviço de um trabalho de catalogação exaustivo para o período que compreende os anos 1898 a 1912 sobre a presença do cinema na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa de Araújo já era conhecida dos especialistas nos anos 1960, como indica a menção a ela feita por Adhemar Gonzaga e Paulo Emílio Salles Gomes no prefácio de *70 anos de cinema brasileiro* (Rio de Janeiro: Editora Expressão Cultura, 1966). Em suas palavras, tiveram a “oportunidade de ler os [seus] importantes

originais”. A sistematização de Araújo teve como critério a cronologia, como a própria disposição dos capítulos indica. De “O cinema chega ao Brasil” até “O cinema conquista o Brasil” acompanhamos os relatos encontrados em jornais e revistas ilustradas, avançando o quadro sistemático do que foi produzido e apoiando-se em uma reprodução parcial ou integral das fontes escritas que consultou, sem considerações sobre as características de filmes a que não podia ter acesso. Livro de fundamental importância para o estabelecimento de uma filmografia acurada do cinema brasileiro do período, representou à época um “marco”, como observa Paulo Emílio Salles Gomes em sua apresentação (outro comentário introdutório é o de Alex Vianny). Até então, informações esparsas sobre as primeiras filmagens impediam a delimitação de nosso ponto de partida, o chamado “nascimento do cinema brasileiro”, datado de 1898, e a conhecida ‘bela época’ (1908 a 1911), momento em que teria havido um contato maior entre o cinema aqui produzido e seu público. Deve-se destacar também a farta iconografia que acompanha o texto.

**ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1981.***

Esse livro, com rica iconografia, é um desdobramento das pesquisas que resultaram no livro *A Bela Época do Cinema Brasileiro*, trabalho centrado no cinema produzido, exibido e comentado na então capital federal, o Rio de Janeiro. Em *Salões*, o interesse recai na cidade de São Paulo entre os anos de 1897 a 1914, com o mesmo empenho de pesquisa e catalogação já observados em *A Bela Época*. Sistematização de informações pautada pela cronologia, como a própria disposição dos capítulos indica. “1908 - O Crime da Mala e a Primeira Fita Cantante”, “1909 - As Fanhosas Viúvas Alegres daquele tempo”, e assim por diante. De todo modo, constitui-se em ponto de partida fundamental para pesquisas sobre o cinema do período.

**ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Na sala de espera do cinema Odeon. Texto de Fernando Ferreira Campos. Rio de Janeiro, 1991.***

Nesse pequeno livro interessa o “catálogo seletivo de programas antigos de cinema”, assim como a relação de exibidores de filmes nacionais de ficção, material que se encontra depositado no acervo da instituição.

**BALADI, Mauro. *Dicionário de cinema brasileiro: filmes de longa-metragem produzidos entre 1909 e 2012*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.**

Mais de quatro mil filmes são listados em ordem alfabética, com fichas técnicas e sinopses.

#### **BANCO DE CONTEÚDOS CULTURAIS DA CINEMATECA BRASILEIRA**

É possível assistir em <http://www.bcc.org.br/> filmes silenciosos completos ou fragmentos, e consultar cartazes de filmes e fotografias, dentre outros materiais.

**BARRO, Maximo. *Almeida Fleming. Uma vocação*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1999.**

Pequeno estudo de caráter biográfico sobre Francisco de Almeida Fleming, que realizou entre 1919 e 1926 filmes de ficção na cidade mineira de Pouso Alegre. Também foi o responsável por documentários que registram aspectos da região e das cidades por onde viveu, como Rio de Janeiro e São Paulo, nos anos 1930 a 1950.

**BARRO, Maximo. *Na trilha dos ambulantes*. São Paulo: Maturidade, 2000.**

O trabalho recupera a trajetória de diversos exibidores ambulantes, detalhando o formato de exibição, os equipamentos utilizados. Traz dados biográficos de Victor di Maio, José Roberto de Cunha Salles, Francisco Serrador e Paschoal Segreto, dentre outros.

**BARRO, Maximo. *Participação italiana no cinema brasileiro*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.**

Trata-se de um dicionário bilíngue (português e italiano) dedicado aos atores, atrizes, produtores, exibidores e diretores de origem italiana que se radicaram no Brasil. Dentre os de interesse ao pesquisador do cinema silencioso, temos verbetes biográficos dedicados a Paolo Benedetti, Arthur Carrari, Vittorio Capellaro, Gilberto Rossi e Alberto Traversa, dentre outros.

**BARRO, Maximo. *A primeira sessão de cinema em São Paulo*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Tanz do Brasil, 1996.**

O autor historia as primeiras exibições cinematográficas na cidade de São Paulo no período que corresponde ao ano de 1895 até 1900. Nesta segunda edição, o autor inclui, segundo Luiz Felipe Miranda, que faz a apresentação do livro, dois estudos intitulados “A chegada do kinetoscópio” e “Cinema e dívida externa”.

**BARROS, Elinaldo. *Panorama do cinema alagoano*. Maceió: Secretaria de Educação e Cultura, 1983.**

Três breves capítulos dão conta da chegada do cinema em Maceió, capital do estado de Alagoas, e do primeiros registros feitos na região por Guilherme Rogato nos anos 1920.

**BARROS, Luiz de. *Minhas memórias de cineasta*. Rio de Janeiro: Artenova, Embrafilme, 1978.**

O livro traz, como o título indica, um relato memorialístico desse cineasta que dirigiu seu primeiro filme em 1914 (*A viuvinha*), participando como diretor, fotógrafo, argumentista, roteirista de mais de vinte obras, entre documentários e ficções, somente no período silencioso.

**BERGFELDER, Tim, Lisa Shaw e João Luiz Vieira (org.). *Stars and Stardom in Brazilian Cinema*. New York/Oxford: Berghahn Books, 2016.**

Três capítulos são dedicados ao cinema silencioso. Maite Conde, em “Consuming visions. female stars, the *melindrosa* and desires for a Brazilian film industry”, examina o fenômeno do star system brasileiro nos anos 1920. “A star system created by fans. Pernambucan cinema in the 1920s”, de Luciana Corrêa de Araújo, discute o papel da imprensa na constituição de um star system local, criado em torno dos filmes produzidos nos anos 1920 em Recife, capital do Estado de Pernambuco. Por fim, Ana Pessoa examina a figura de Carmen Santos em “A star in the spotlight. Carmen Santos and Brazilian cinema of the 1920s”, estrela constituída pelo esforço de *Cinearte*, mais do que pela penetração de seus filmes, como muitas atrizes brasileiras do período.

**BERNARDET, Jean-Claude. *Bibliografia brasileira do cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: EMBRAFILME/ Belo Horizonte, MG: Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro, 1987. Cadernos de Pesquisa 3.**

Com 549 referências, o autor incorporou ao seu levantamento não apenas livros especializados em cinema, mas “ensaios sobre qualquer assunto, memórias, correspondência”, incluindo “ficção, teatro ou poesia, se, de algum modo, se encontram referências cinematográficas quer a fatos reais quer não (personagens cineastas, personagens que vão a cinema etc.)” (p. 3). Não incluiu livros publicados no exterior sobre o nosso cinema. Dispostos em ordem cronológica (de 1911 a 1986), cada livro é acompanhado de pequeno comentário e informações sobre a obra.

**BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema brasileiro. Propostas para uma história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.**

Nesse livro em que a história é mobilizada para se pensar o presente, em que cada capítulo o caráter ensaístico nos leva de um momento a outro do passado rumo ao contemporâneo, em movimento sempre dialético, há dois capítulos mais circunscritos ao cinema silencioso: “Cavação” e “Aventuras do pensamento industrial cinematográfico”. No primeiro, Bernardet reflete sobre a prática generalizada, não apenas naquele período, da cavação: os cinegrafistas corriam atrás de, “cavavam”, encomendas de filmagens para documentários ou jornais cinematográficos junto a empresários, fazendeiros e autoridades políticas. A maior parte dos “cavadores” não desfrutava de muito prestígio entre a crítica cinematográfica, que sempre privilegiou a ficção. Bernardet também observa o predomínio do documentário e do filme de atualidades no conjunto da produção do período. No capítulo dedicado ao chamado “pensamento industrial”, o autor observa as análises, diagnósticos e propostas surgidas nos anos 1910 e 1920. Uma segunda edição do livro foi publicada em 2009 pela Companhia das Letras, com o acréscimo de uma grande antologia de textos agrupados nos seguintes temas. “Capitalismo imaginário”; “Chanchada, pornochanchada e outras questões delicadas”; “Mentalidades e estratégias de produção - conversas”; “O produtor Anatole Dauman”. O prefácio da nova edição ficou a cargo de Arthur Autran.

**BERNARDET, Jean-Claude. *Filmografia do cinema brasileiro, 1900-1935*. Jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, Comissão de Cinema, 1979.**

Trata-se de pesquisa fundamental para o estabelecimento da filmografia do cinema brasileiro, completando e ampliando o trabalho de Vicente de Paula Araújo. Os títulos

estão organizados em ordem cronológica, reproduzindo a ficha técnica de cada produção a partir dos dados recolhidos no jornal, bem como os comentários críticos. Há também a indicação da data de lançamento na cidade de São Paulo e informações sobre o circuito de cinemas percorrido pelo filme. Ao final, tem índices de títulos, onomástico, de companhias produtoras, de salas de exibição e de “assuntos”. O levantamento reforça a sugestão de Maria Rita Galvão, expresso em *Crônica do cinema paulistano* (São Paulo. Ática, 1975), de que “pode-se pensar numa história do cinema brasileiro, cuja infraestrutura técnica, econômica, financeira, comercial, é constituída pelo documentário e o jornal [cinematográfico], enquanto que o longa-metragem de ficção é o sonho, a vontade, o ‘verdadeiro’ cinema, mas exceção” (sem indicação de página).

**BERNARDET, Jean-Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro. Metodologia e pedagogia*. São Paulo: Annablume, 1995.**

Trata-se de livro que até hoje influencia as pesquisas voltadas para a história do cinema brasileiro. Em primeiro lugar, por se contrapor à periodização adotada pelos historiadores de cinema, marcada profundamente pelo trabalho de Paulo Emílio Salles Gomes em textos como “Panorama do Cinema Brasileiro. 1896-1966”, comentado nessa bibliografia. O autor expõe a fragilidade de uma periodização que se acredita portadora de significado para todos os elementos que compõe a experiência do cinema (produção, exibição, crítica, etc.). Apontando a necessidade de adotar uma postura crítica em relação aos documentos e ampliando o campo a ser percorrido, dado que é preciso que o historiador tenha um “cabedal de informações maior que aquelas referentes à estrita produção cinematográfica” (p. 114), Bernardet problematiza a própria ideia de origem e a obstinada procura dos historiadores pela primeira filmagem, pelo girar da manivela original, dado muito significativo na historiografia brasileira pela excessiva valorização do filme e do cineasta, ao invés de considerar sua circulação ou inserção em um sistema econômico. Outro ponto de discordância diz respeito às histórias gerais, construídas em torno de um fio condutor geralmente articulado à ideia de nação ou de Brasil. Diversas são as fraturas expostas pelo autor nesta periodização, e a partir destas Bernardet levanta uma não menor quantidade de propostas e questões. Dentre elas, a possibilidade de analisar historicamente as obras a partir de gêneros ou de “filões”, como os chamados “filmes criminais” (p. 58), o que romperia com a compartimentação em épocas. A periodização estabelecida se ocupa, por sua vez, dos filmes de ficção que, dentro do

cômputo geral, compõem a minoria. Investe contra a chamada Bela Época do Cinema Brasileiro, título do livro de Vicente de Paula Araújo, questionando o se havia de fato um encontro consciente do público com os filmes pelo fato destes serem identificados como brasileiros.

### **BIBLIOTECA DIGITAL DAS ARTES DO ESPETÁCULO DO MUSEU LASAR SEGALL**

Além da consulta às coleções completas das primeiras revistas brasileiras especializadas em cinema, *A Scena Muda* e *Cinearte*, há disponível em <http://www.museusegall.org.br/mlsTexto.asp?sSume=35> “instrumentos de controle terminológico para a representação e a recuperação da informação no campo das artes do espetáculo e fotografia”.

### **BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. Os cinemas da Bahia, 1897-1918. Salvador: EDUFBA/EDUNEB, 2007.**

Trata-se de reedição do livro originalmente publicado em 1919. Afora seu interesse pela memória baiana, não há muitas explicações, nem no prefácio de Consuelo Pondé de Sena, nem em outros trabalhos sobre o período, sobre o porquê do jornalista, diretor do Teatro São João e figura importante do cenário cultural soteropolitano ter se dedicado à escrita de uma história das salas de cinema na capital do estado da Bahia. Além de nos apontar as salas de exibição extintas e as então existentes, o autor dedica breves comentários às primeiras filmagens realizadas na Bahia.

### **BORGES, Luiz Carlos de Oliveira. Filmografia do cinema em Mato Grosso. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2008. (Coleção memória e mito do cinema em Mato Grosso, 3).**

O livro registra os filmes realizados na região desde 1908, quando é filmado *Colônias Silvícolas de Mato Grosso*. São 21 filmes no período que corresponde ao período de interesse para o pesquisador do cinema silencioso. Traz também uma lista de “filmes brasileiros exibidos ou não em Mato Grosso”. Por mais que o “não” nos deixe em dúvida, cabe registrar que apenas dois pequenos documentários de 1908 são exibidos em Cuiabá, capital do Estado, até o final dos anos 1920. A pesquisa foi realizada, como nos informa o autor em sua introdução, em jornais mato-grossenses, além de recorrer às filmografias já estabelecidas.

**BORGES, Luiz Carlos de Oliveira. *Memória do cinema em Mato Grosso*. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2008. (Coleção memória e mito do cinema em Mato Grosso, 1).**

Oriunda de um mestrado realizado na Escola de Comunicações e Artes sob a orientação de Maria Rita Galvão, o trabalho de Borges amplia o pouco que se sabia sobre a história do cinema da região, conhecimento reunido em publicações de difícil acesso. O primeiro capítulo, “Dos primórdios ao cinema sonoro” (pp. 29-68), recupera, a partir de 1903, os principais filmes, salas de cinema e personagens dessa história.

**BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*, 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2005.**

O livro foi publicado originalmente em 1956. A partir de sua segunda edição revista e ampliada em 1960, foi incorporado um pequeno apêndice, “Origens literárias do cinema brasileiro”, em que aborda as relações entre literatura e cinema brasileiro nos anos 1900 e 1910.

**CALDAS, Yolanda Lhullier dos e Pedro Henrique Galdas. *Francisco Santos. Pioneiro no cinema do Brasil*. Pelotas, RS: Edições Semeador, 1995.**

Trata-se de uma biografia sobre Francisco Santos, recuperando dados sobre sua trajetória teatral em Portugal e no Brasil, a fundação e o fechamento da produtora Guarany Fábrica de Fitas Cinematográficas, os filmes realizados, e a posterior atividade empresarial. Traz uma apresentação de Antonio Jesus Pfeil, o prefácio de Miroel Silveira e como anexo documentos e entrevistas sobre o biografado.

**CAPELLARO, Jorge. *Vittorio Capellaro. Italiano pioneiro do cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: V. G. J. Capellaro, 1997.**

O livro trata da trajetória desse imigrante italiano que iniciou sua vida artística no teatro na Itália. Estabelecido em São Paulo, realiza nove filmes de ficção, sendo que o único remanescente é *O Caçador de Diamantes* (1933). Há uma apresentação de todos os filmes realizados, com histórico, ficha técnica e dados sobre a distribuição. O autor procura situar a contribuição de Capellaro para o cinema, apontando o que considera inovações, tanto do ponto de vista técnico como estético. A primeira edição desse estudo, atribuída também a Vittorio G. J. Capellaro, foi publicada em 1986 com o

mesmo título na série Cadernos de Pesquisa, uma publicação da Embrafilme e Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.

**CAPELLARO, Jorge J. V. e Paulo Roberto Ferreira. *Verdades sobre o início do cinema no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1996.**

Com apresentação de Márcio Souza, o livro traz uma série de apontamentos sobre os “primeiros” (a primeira projeção de cinema no Brasil; a primeira filmagem no Brasil; o primeiro laboratório para cinema no Brasil). Além disso, traz anexos sobre aspectos vários do omniógrafo (filmes exibidos, anúncios em jornais, estudos comparativos, etc).

### **CAPES. CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES**

Em <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> estão disponíveis para consulta e download teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação do Brasil a partir dos anos 2000.

**CARDOSO, Maurício. *Uma história dramática do cinema brasileiro*. São Paulo: LiberArs, 2017.**

A intenção de sua história é a de contá-la “como fenômeno cultural inserido num processo mais amplo, no qual cada filme e o conjunto da produção ganhariam sentido ao expressar dimensões política, econômica, artística e ideológica da experiência social brasileira” (p. 9). O dramático do título se explica pelo fato de ter havido “conflitos terríveis entre os protagonistas, impasses de toda ordem e tramas intrincadas” (p. 11). Nessa luta, o “filme nacional (...) é o herói desse livro” (p. 11). No amplo panorama que tece, dedica um capítulo, “Das origens ao cinema falado (1898-1928)”, ao cinema silencioso.

**CARNEIRO, Eva. “O espectador cinematográfico na Belém dos anos de 1920”. En: Martins, Bene e Joel Cardoso. *Desdobramentos das linguagens artísticas. Diálogos interartes na contemporaneidade*. Belém: UFPA, 2012, pp. 89-106.**

Nesse capítulo a autora aborda, como o título indica, o “papel ativo [do espectador], não como mero receptor, mas como interlocutor da mensagem fílmica” (p. 89). Há muita discussão teórica, mas Carneiro escolhe como objeto a recepção dos filmes de Tom Mix, recuperando o debate em torno da adesão e resistência ao cinema norte-americano.

**CARVALHO, Giselle Maria Lozza, Patrícia Maria Mairelles Nasser e Wânia Savazzi.** “O cinema em Curitiba”, *Cadernos de Pesquisa*, n. 4, Rio de Janeiro: Fundação do Cinema Brasileiro/ Belo Horizonte: Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro, 1988, pp. 3-40.

O trabalho é oriundo de monografia de conclusão de curso em História da Universidade Federal do Paraná. O objetivo é realizar uma história social de Curitiba a partir do cinema, procurando avaliar se no período de 1897 a 1912 o novo meio de comunicação provocou “mudanças de hábitos da sociedade” (p. 6). Foram consultados os periódicos de época e realizadas entrevistas. História a chegada do cinematógrafo e as companhias ambulantes, as empresas que surgem em Curitiba, capital do estado do Paraná, a fim de explorar o setor de exibição, e a recepção, no começo dos anos 1910 aos filmes estrangeiros, dentre outros temas.

**CARVALHO, Jailson Dias.** *Filmografia da exibição cinematográfica em Montes Claros. Registros de filmes nacionais em salas de cinema.* Montes Claros, MG: Editora Unimontes, 2009.

Há um capítulo sobre o cinema silencioso, a saber, “Registros sobre o cinema mudo em Montes Claros (1918-1931)” (pp. 19-55), além de um anexo intitulado “Filmes exibidos em Montes Claros durante o cinema mudo” (pp. 227-228). Nesses registros, retirados de jornais da cidade e dispostos em ordem cronológica, há notícias sobre diferentes aspectos, como exibição de filmes, projetores, acompanhamentos musicais, comportamento do público, etc.

**CINEMATECA BRASILEIRA.** *Guia de filmes produzidos no Brasil entre 1897 e 1910.* Rio de Janeiro: Embrafilme, 1984.

Em um momento em que a internet não existia, esse guia foi a primeira filmografia estabelecida a partir de extensa pesquisa documental, apresentação das fontes utilizadas e controle de vocabulário. Posteriormente, foi incorporada à *Filmografia Brasileira da Cinemateca Brasileira*.

**CINEMATECA BRASILEIRA.** *Guia de filmes produzidos no Brasil entre 1911 e 1920.* Rio de Janeiro: Embrafilme, 1985.

Esse guia dá continuidade ao trabalho desenvolvido na publicação anterior. Posteriormente, o levantamento foi incorporado à *Filmografia Brasileira da Cinemateca Brasileira*.

**CINEMATECA BRASILEIRA. *Guia de filmes produzidos no Brasil entre 1921 e 1925*. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1987.**

Esse guia dá continuidade ao trabalho desenvolvido na publicação anterior. Posteriormente, o levantamento foi incorporado à *Filmografia Brasileira da Cinemateca Brasileira*.

**CINEMATECA BRASILEIRA. *Filmografia Brasileira. Quarto fascículo. Período de 1926 e 1930*. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1991.**

Esse guia dá continuidade ao trabalho desenvolvido na publicação anterior destinada a cobrir o período 1921 a 1925. Posteriormente, o levantamento foi incorporado à *Filmografia Brasileira da Cinemateca Brasileira*.

**CINEMATECA PORTUGUESA. *Ciclo de cinema brasileiro. Apresentado por Cinemateca Portuguesa e Fundação Calouste Gulbenkian*. Lisboa, 1987.**

Com prefácio de Luis de Pina, este livro foi publicado por ocasião de mostra panorâmica sobre o cinema brasileiro promovida pela Cinemateca Portuguesa, ocorrida após ao ciclo de filmes exibidos no Centre Georges Pompidou, comentado abaixo. O livro reúne textos de caráter geral sobre a história do cinema brasileiro e seus diretores. Maria Rita Galvão escreve o capítulo “Cinema brasileiro. o período silencioso” (pp. 15-40) e Carlos Roberto de Souza se encarrega de um estudo monográfico dedicado a Humberto Mauro (pp. 105-120). Temos também a “Filmografia Integral de Humberto Mauro”. Em “Vinte realizadores brasileiros. dicionário” (pp. 157-181), João Bénard da Costa se ocupa dos diretores contemporâneos.

**CONDE, Maite. *Consuming visions. Cinema, writing, and modernity in Rio de Janeiro*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2012.**

Como a autora indica, seu objetivo é, para além das relações entre cinema e literatura no Brasil no final do século XIX e primeiras décadas do XX, entender o cinema como “the incarnation of the restructuring of everyday contemporary society, which

brought with it the promise of mass consumption and drastic changes in social, gender, and race relations” (p. 10). Discute, assim, a modernidade, o primeiro cinema brasileiro e sua historiografia. As crônicas literárias, as atividades culturais das associações de imigrantes e trabalhadores, a presença do público feminino nas salas de exibição e os vínculos do cinema com o modernismo da década de 1920 são alguns dos temas e fontes examinados por Conde.

**COSTA, Fernando Moraes da. *O som no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7 Letras, 2008.**

Neste livro o autor dedica dois capítulos ao silencioso, a saber, “Primeiras tentativas de sonorização” e “Passagem para o sonoro”. No primeiro, analisa as primeiras tentativas de “sincronização entre sons e imagens no período de exibição e produção de filmes no Brasil” (p. 10) entre 1902 e 1911. Examina também “o fenômeno dos [filmes] cantantes como uma estética alternativa de unir sons e imagens de sucesso” (p. 11). No segundo capítulo trata da transição do silencioso para o sonoro, da campanha movida por parcela da crítica em defesa do cinema mudo e do comportamento do público nessa passagem, dentre outros aspectos.

**COSTA, Renato Gama-Rosa. *Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro; Apicuri, 2011.**

Neste panorama da evolução dos cinemas no Rio de Janeiro, o autor está preocupado com o aspecto arquitetônico das salas cinematográficas e a conseqüente difusão e consolidação da *art déco* na então capital da República. O trabalho também documenta expansão dos espaços de exibição pelos subúrbios. Após discutir a *art déco*, Costa dedica um capítulo à ocupação do centro do Rio de Janeiro pelos cinematógrafos, outro às salas que abrigavam espetáculos de teatro e cinema, e depois um terceiro à sua consolidação na sua região central em um período que abrange os anos de 1896 a 1928, ano que é inaugurado o Pathé-Palácio, primeiro cinema *art déco* da cidade. O autor examina a transição provocada pela chegada do sonoro. No anexo traz uma relação de arquitetos e engenheiros pesquisados.

**COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das ilusões. Cinema & sociedade. Manaus (1897/1935)*. Manaus, AM: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.**

O trabalho, a partir de extensa pesquisa documental, historia a presença do cinema no Amazonas, em sua primeira parte, para depois se debruçar na biografia de Silvino Santos, importante documentarista do período silencioso, e analisar seu filme mais conhecido, *No Paiz das Amazonas* (1922). Traz uma filmografia de Silvino e três anexos. “As salas de Cinema no Amazonas”, com uma relação das salas de exibição de Manaus e outras cidades da região amazônica, acompanhada de notas sobre os proprietários, localização, período de funcionamento, etc; “Filmando no Amazonas”, com filmografia produzida na região, excetuando-se a de Silvino; e “O mundo dos espetáculos”, que trata dos espaços que abrigavam “a vida artística da cidade” (p. 281).

**COSTA, Selda Vale da e Narciso Júlio Freire Lobo. *No rastro de Silvino Santos*. Manaus, AM: SCA/Edições Governo do Estado, 1987.**

Os autores tratam da história de Silvino Santos, um dos mais importantes documentaristas do período silencioso, diretor de *No paiz das Amazonas* (1922), dentre outros trabalhos. Documentos textuais e iconográficos contribuem para resgatar os diferentes momentos de sua trajetória nesta obra também interessada nas peculiaridades de realização em um estado como o Amazonas. Traz, além de comentários sobre alguns de seus filmes, a “Filmografia de Silvino Santos”, estabelecida por Selda Vale da Costa.

**CUNHA FILHO, Paulo Carneiro da. *A utopia provinciana. Recife, cinema, melancolia*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.**

Preocupado em analisar “as estratégias de apropriação, na periferia do capitalismo, de instrumentos técnicos de produção visual (notadamente fotografia e cinema) a partir da observação direta das representações visuais efetivamente produzidas” (pp. 25-26) em um período que abarca a segunda metade do século XIX e os filmes do chamado Ciclo de Recife (1923-1931), o autor relaciona a modernidade e a cultura visual e literária produzida nessa época para identificar as representações da cidade que foram construídas ao longo do tempo.

**ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS.**

Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>, está organizada em grandes temas, como artes visuais, arte e tecnologia, literatura, teatro, cinema, dança e

música. No caso de cinema, há verbetes dedicados a filmes, contendo dados de produção, sinopse, comentário crítico sobre o estilo da obra, síntese de sua recepção e prêmios. Dentre os filmes analisados, temos *Fragments da Vida* (1929), de José Medina, *Brasa Dormida* (1928), de Humberto Mauro, *Barro Humano* (1929), de Adhemar Gonzaga, *A Filha do Advogado* (1926), de Jota Soares, *João da Mata* (1923), de Amilcar Alves, *No Paiz das Amazonas* (1922), de Silvino Santos.

### **ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS.**

Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>, está organizada em grandes temas, como artes visuais, arte e tecnologia, literatura, teatro, cinema, dança e música. No caso de cinema, há verbetes dedicados a filmes, contendo dados de produção, sinopse, comentário crítico sobre o estilo da obra, síntese de sua recepção e prêmios. Dentre os filmes analisados, temos *Fragments da Vida* (1929), de José Medina, *Brasa Dormida* (1928), de Humberto Mauro, *Barro Humano* (1929), de Adhemar Gonzaga, *A Filha do Advogado* (1926), de Jota Soares, *João da Mata* (1923), de Amilcar Alves, *No Paiz das Amazonas* (1922), de Silvino Santos

### **ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAL – SOCINE**

Tratam-se de publicação da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine), a principal associação científica brasileira no campo do cinema. Entre 1997, data de seu primeiro encontro, até 2012, a entidade publicou anualmente um livro com a seleção dos melhores textos de seus congressos. Todas as publicações estão disponíveis em <http://www.socine.org/publicacoes/livros/>. Nelas é possível encontrar diversos capítulos de importantes historiadores dedicados ao cinema silencioso no Brasil, como Luciana Corrêa de Araújo, Arthur Autran, Rafael de Luna Freire, dentre outros.

### **FARDIN, Sônia. *Imagens de um sonho. Iconografia do cinema campineiro (1923-1972)*. Campinas, SP: Museu do Som e da Imagem de Campinas, 1995.**

Trata-se de “uma seleção de imagens produzidas pelos sonhos dos que se dedicaram à atividade cinematográfica em Campinas, de 1923 a 1972” (p. 5). O capítulo “Ciclo dos anos 20” traz fotogramas e fotos de diretores e filmes, como, dentre outros, E. C. Kerrigan e o seu *Sofrer para Gozar* (1923). Para cada filme uma sinopse e ficha técnica, além de breves comentários de caráter biográfico. Há um texto de apresentação ao

capítulo de Carlos Roberto de Souza, maior especialista no tema e autor de dissertação de mestrado, ainda inédita, intitulada *O Cinema em Campinas nos anos 20 ou Uma Hollywood brasileira*, defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1979, sob a orientação de Maria Rita Galvão.

**FERNANDES, Anchieta. *Écran natalense. Natal: Sebo Vermelho, 1992.***

No que diz respeito ao cinema silencioso, o livro trata da exibição de filmes em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, desde o final do século XIX. Ocupa-se também das salas de cinema, com destaque para o Cine Polytheama, inaugurado em 1911.

**FERRAZ, Talitha. *A segunda Cinelândia carioca. Cinemas, sociabilidade e memória na Tijuca. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2009.***

O livro “investiga a relevância” que as salas de cinema “tiveram e ainda têm nas vidas e memórias das pessoas, na organização e na configuração de espaços citadinos” (p. 33), além de historiar essa presença na região da Tijuca, bairro da cidade do Rio de Janeiro. No que diz respeito ao passado, o primeiro capítulo dedica boa parte de suas páginas ao processo de urbanização na região e à formação dos espaços dedicados à exibição de filmes no período silencioso.

**FIGUEIRÔA, Alexandre. *Cinema pernambucano. Uma história em ciclos. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2000.***

O autor examina três momentos da produção cinematográfica pernambucana. No primeiro capítulo se dedica ao chamado Ciclo de Recife, um dos ciclos regionais mais produtivos da história do cinema brasileiro silencioso.

**FILMOGRAFIA BRASILEIRA DA CINEMATECA BRASILEIRA**

A *Filmografia Brasileira*, disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p>, é uma base de dados que “reúne e disponibiliza informações sobre a produção audiovisual brasileira como um todo”, sistematizando todos os levantamentos feitos até os anos 2000, sem contar os registros da produção cinematográfica nacional por meio de recortes de jornal.

**FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *Fazendo fita. Cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador: EDUFBA, 2002.**

O recorte diz respeito à chegada do cinema, em 1897, e à exibição do primeiro filme sonoro em 1930 em Salvador, capital do Estado da Bahia. Analisa as reformas urbanas ocorridas na cidade, pensando o cinema dentro desse quadro geral destinado a celebrar as virtudes do progresso; os cinemas itinerantes dos anos 1900, com “mapeamento das salas de exibição construídas no período” (p. 27); o hábito de ir ao cinema; e, por fim, a incorporação do cinema às festividades da região e à linguagem jornalística.

**FREIRE, Rafael de Luna. *Cinematographo em Nictheroy. História das salas de cinema de Niterói*. Niterói, RJ: Niterói Livros/ Rio de Janeiro: INEPAC, 2012.**

Boa parte do livro é dedicada à história das salas de cinema no período silencioso, história ancorada em sólida pesquisa documental e iconográfica. Acompanhamos a chegada do cinema à cidade, as diferentes formas de exibição até a consolidação dos chamados palácios e o comportamento do público e da crítica diante do meio de comunicação que então se consolidava.

**FUNDAÇÃO CIDADE DE GUIMARÃES. *Um europeu na Amazônia. Silvino Santos. Textos de João Paulo Macedo e Aurélio Michelis*. Guimarães, 2012.**

Traz um pequeno estudo sobre Silvino Santos a cargo de João Paulo Macedo, um texto de Aurélio Michiles sobre o cineasta e dezenas de fotografias de Silvino sobre os índios, a borracha e a região amazônica.

**GALDINO, Márcio da Rocha. *Minas Gerais. Ensaio de filmografia*. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Editora Comunicação, 1983.**

A pesquisa foi agraciada com o Prêmio “Cidade de Belo Horizonte -Ensaio - 1983”. Na apresentação, José Tavares de Barros, presidente do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro, alerta o leitor sobre o que considera “pecados menores”, como “omissões de nomes e deslocamento de datas”. Realizado a partir de entrevistas e extensa pesquisa em jornais de época, o livro arrola em sua filmografia mais de 880 títulos, abrangendo o período de 1903 a 1983 (pp. 70-392). Dedicava boa parte de seus ensaios ao cinema silencioso, como “A década de 10 – Aristides Junqueira em BH”. Há

um roteiro também intitulado “Memória do cinema em Minas - I Parte (cinema mudo)”, com, na verdade, uma sequência de fotos de materiais iconográficos a serem utilizados no filme idealizado e os comentários do narrador que serão feitos às imagens (pp. 31 -38).

**GASTAL, Susana. *Salas de cinema. Cenários porto-alegrenses*. Porto Alegre: UE, 1999.**

O livro historia a presença das salas de cinema em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, chamada pela autora de “cidade cinemeira” (p. 12). A pesquisa de fontes foi realizada pelos “pesquisadores da Assessoria de Pesquisa da Secretaria Municipal de Cultura” e posteriormente cruzada por Gastal com os relatos de cronistas e memorialistas. São três os capítulos dedicados ao cinema silencioso. “Antes dos anos 1910. O cinema magia”; “Década de 10. O cinema não mente!”; “Década de 20. ...E fez-se o verbo e fez-se arte”. Além de dados sobre o desenvolvimento urbano da cidade, de notas históricas sobre os principais cinemas, Gastal também aponta outros eventos, como a criação em 1927 de *A tela*, revista cinematográfica. Não há material iconográfico sobre o período em questão.

**GALVÃO, Maria Rita. *Crônica do cinema paulistano*. São Paulo: Editora Ática, 1975.**

Originalmente dissertação de mestrado defendida em 1969 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação de Paulo Emílio Salles Gomes, o livro traz, pela primeira vez, uma abordagem histórica do cinema realizado na cidade de São Paulo, capital do estado de São Paulo, no período silencioso. Há algumas linhas de força que orientam a reflexão histórica, como. a “mediocridade atroz – medíocre nos meios, na forma, no conteúdo, na repercussão (ou ausência dela)” dessa produção (p. 11); esse cinema entendido como “ponto de encontro entre [a cultura] burguesa que se generaliza e a popular que é sufocada” (p. 17); a ligação dos diretores, em sua maioria imigrantes, com a cultura operária, fator que contribuiu para o forte preconceito das elites contra essa produção; os vínculos desses diretores com a fotografia e o teatro; o domínio do mercado pelo cinema norte-americano; a importâncias das criticadas escolas de cinema e das cavações que, a despeito dos problemas, garantia a continuidade da produção; a posição marginal do ponto de vista cultural do nosso cinema; e o conformismo e a adequação a um tipo de cinema já em desuso. Além desse quadro, original e instigante, Maria Rita realizou

entrevistas com diversos cinegrafistas e parentes dos diretores do período, material que foi reescrito pela autora e agrupado na seção “Depoimentos”.

**GALVÃO, Maria Rita e Jean-Claude Bernardet. *Cinema. Repercussões em caixa de eco ideológica (as idéias de ‘nacional’ e ‘popular’ no pensamento cinematográfico brasileiro)*. São Paulo: Brasiliense, 1983.**

O livro integra uma coleção derivada de um ciclo de seminários de pesquisa coordenado por Aduino Novaes sobre a questão do nacional e popular, noção fundamental para pensar a cultura brasileira nos anos 1960. No caso desse livro, segundo seus autores, “a análise dos textos que compõem cada uma de suas partes foi elaborada e redigida individualmente”. O cinema silencioso e o realizado no início dos anos 1930, é o tema da primeira parte, intitulada “Nosso. Nosso?”. Baseada em documentos de época, como críticas de jornal e revistas publicadas a partir de 1910, a intenção foi a de compreender “o que se entendia por cinema nacional na primeira metade do século, e se o popular passa por aí” (p. 15) sem se deter “sobre a evolução cronológica que este debate pode ter sofrido por motivos internos ou externos; sem avaliar as posições ideológicas globais, políticas, estéticas, profissionais de cada ator envolvido; sem avaliar o tom ideológico e político global dos periódicos onde foram publicados os artigos que usamos” (p. 16). Dentre os temas, são analisados a linguagem cinematográfica, o que era representado, a nacionalidade dos diretores, o rural e o urbano nos filmes, a relação com o cinema norte-americano.

**GOMES, Paulo Augusto. *Pioneiros do cinema em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisalida, 2008.**

Na introdução o autor traça um panorama do cinema em Minas Gerais desde a chegada do cinematógrafo no final do século XIX e inícios do XX para apresentar o quadro geral dentro do qual “se desenvolveu a atividade dos pioneiros” (p. 25). São biografados Aristides Junqueira, Paulo Benedetti, Iginio Bonfioli, Clementino Doti, Francisco de Almeida Fleming, Carlos Masotti, Humberto Mauro, Pedro Comello, Manoel Talon, José Silva, José Magalhães, João Carriço, Luiz Renato Brescia. Há reproduções de trechos de entrevistas retiradas de periódicos de época e iconografia sobre os filmes mencionados.

**GOMES, Paulo Emílio Salles. “A expressão social dos filmes documentais no cinema mudo brasileiro (1898-1930)”. En: Calil, Carlos A. e Maria T. Machado (orgs.). *Paulo Emílio. Um intelectual na linha de frente*. São Paulo/Rio de Janeiro: Brasiliense/Embrafilme, 1986.**

Esse texto, publicado originalmente em 1974, fruto de uma intervenção de Paulo Emílio no I Simpósio do Filme Documental Brasileiro, realizado naquele ano no Instituto Joaquim Nabuco em Recife, também pode ser considerado um dos mais influentes no estudo do documentário brasileiro no período silencioso. É nele que Paulo Emílio cunha os termos que qualificam e exprimem a maior parte da produção daquelas décadas: a representação dos rituais de poder e do berço esplêndido. Este “é o culto das belezas naturais do país, notadamente da paisagem da Capital Federal, mecanismo psicológico coletivo que funcionou durante tanto tempo como irrisória compensação para o nosso atraso” (p. 324). O ritual do poder diz respeito aos filmes que se ocupam de nossas elites políticas e econômicas, muitas vezes as mesmas que encomendavam os documentários e as atualidades cinematográficas. Paulo Emílio Salles Gomes apontava no final dos anos 1970 o desconhecimento existente em relação à produção documental brasileira no período silencioso. Situação considerada surpreendente, pois já se sabia que o filme de enredo era a exceção, sendo a “continuidade do cinema brasileiro assegurada quase exclusivamente pelo documental” (p. 324).

**GOMES, Paulo Emílio Salles. *Cinema. Trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Embrafilme, 1980.**

O livro reúne três ensaios: “Pequeno cinema antigo”, “Panorama do cinema brasileiro. 1896/1966” e “Cinema. trajetória no subdesenvolvimento”. O primeiro texto é de 1969, publicado primeiramente em italiano, na revista *Aut-Aut*, de Milão, tendo circulado posteriormente em cópia mimeografada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Nele, Paulo Emílio observa o descaso do Brasil com seu passado, dado revelador da “vontade de escapar a uma maldição de atraso e miséria” (p. 29). Para ele, fator sempre atuante na sua relação com alunos e discípulos, trata-se de “abordar criticamente o passado brasileiro com o espírito de servir o presente e o futuro, mas ao mesmo tempo se impregnar de simpatia” (pp. 29). Articula os eventos de nossa história do cinema ao quadro mais geral da cultura no

Brasil a fim de pensar nas razões de nosso “atraso” (p. 29). Nesse percurso analítico, que se estende até o final dos anos 1950, destaca a produção de filmes entre 1908 e 1911, a chamada “idade do ouro”, tendo em vista a “cinzenta frustração das décadas seguintes” (p. 31), e os “primeiros sinais de vitalidade” (p. 32) dos anos 1920, com o aumento da produção, “a consciência [por parte da crítica] cinematográfica nacional”, e a presença de obras “que atestam um incontestável domínio de linguagem e expressão estilística” (p. 32), prosperidade interrompida com a chegada do sonoro. O segundo texto que integra esse livro foi revisto e ampliado a partir da publicação de Adhemar Gonzaga e Paulo Emílio Salles Gomes, *70 anos de cinema brasileiro* (Rio de Janeiro: Editora Expressão Cultura, 1966). No texto mais influente, “Cinema. trajetória no subdesenvolvimento”, publicado originalmente em 1973, Paulo Emílio formula a ideia-chave para pensarmos as contradições do processo histórico-cultural de nosso cinema. “Não somos europeus nem americanos do norte, mas destituídos de cultura original, nada nos é estrangeiro, pois tudo o é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro. O filme brasileiro participa do mecanismo e o altera através de nossa incompetência criativa em copiar” (p. 77).

**GOMES, Paulo Emílio Salles. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo: Perspectiva/Universidade de São Paulo, 1974.**

Estudo matricial sobre o cinema silencioso brasileiro, toma como ponto de partida a vida e a obra de Humberto Mauro durante os anos em que dirigiu na cidade de Cataguases, interior do estado de Minas Gerais, *Na primavera da vida* (1926), *O tesouro perdido* (1927), *Brasa Dormida* (1928) e *Sangue Mineiro* (1929). Como aponta Paulo Emílio, “não havia outra pessoa no Brasil [em 1930] que há quatro anos vivesse exclusivamente de realizar filmes de enredo” (pp. 440). O autor historia a formação do cineasta, analisando o meio sociocultural em que viveu e a influência exercida pelos seus primeiros mestres. Dentre eles, Pedro Comello, responsável por iniciar Mauro “nos mistérios elementares da química e da física aplicadas à fotografia” (pp. 78), e também pela fotografia de *Na primavera da vida* (1926), filme desaparecido, mas primorosamente reconstituído por Paulo Emílio a partir de pesquisa com fontes de época e entrevistas. O último mestre nesses anos foi Adhemar Gonzaga, responsável pela revista *Cinearte*, cujas conversas e “os filmes agora assistidos à luz de suas lições varreram do espírito de Humberto as sensações arraigadas do espectador comum e

abriram-lhe os olhos para o óbvio, isto é, para o artifício” (pp. 138). A ancoragem em sólida pesquisa histórica não dispensa a análise fílmica, situando cada obra do diretor em relação ao que se fazia na época, tanto no Brasil quanto no mundo. Há um capítulo dedicado à ideologia presente nas páginas da revista *Cinearte*, com destaque para a sua campanha a favor de um cinema brasileiro repleto de “ambientes luxuosos habitados por pessoas de alto nível social” (pp. 268), e a preocupação com a influência moral exercida pelos filmes, dentre outros pontos.

**GOMES, Paulo Emílio Salles. *Crítica de cinema no Suplemento Literário. Vol. I (1956 – 1959) e Vol. II (1959 – 1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.**

Nos anos 1950, Paulo Emílio Salles Gomes realizava seu trabalho mais agudo de intervenção, seja na reiteração do imperativo de construção da história e da memória do cinema brasileiro - pela pesquisa e pela consolidação de um arquivo tão essencial quanto a Cinemateca Brasileiro, seja na condução de um debate sobre o Brasil contemporâneo. Há vários artigos de Paulo Emílio escritos para o *Suplemento Literário* no jornal *O Estado de São Paulo* nesse período que têm como tarefa principal a recuperação da trajetória de vários diretores do período silencioso, como “Um pioneiro esquecido”, “Evocação campineira” e “Dramas e enigmas gaúchos”, e a avaliação crítica de livros como *Introdução ao Cinema Brasileiro* (1959), de Alex Viány. Fundamental é o artigo “Uma situação colonial?”, de 19 de novembro de 1960, que examina, em amargo balanço, a situação do cinema brasileiro em todos os seus aspectos. Se há um denominador comum, esse é a mediocridade, onde “tudo apresenta a marca cruel do subdesenvolvimento” (p. 256). A compilação dos artigos para esta publicação foi realizada por Zulmira Ribeiro Tavares e obedece a ordem cronológica em que foram publicados pelo jornal. Carlos Augusto Calil está reeditando pela Companhia das Letras a obra de Paulo Emílio a partir de recortes temáticos, incluindo artigos publicados em outros veículos (ver *O cinema no século*, 2015 e *Uma situação colonial?*, 2016).

**GONÇALVES, Maurício. *Cinema e identidade no Brasil. 1898-1969*. São Paulo: LTC Editora, 2011.**

Como o título indica, o autor pensará a história do cinema brasileiro a partir de “alguns momentos-chave de construção de discursos que se inseriram nos projetos

de nação surgidos no Brasil durante o século XX, particularizados pela representação de características identitárias de nosso país e de nosso povo” (p. 11). O capítulo “A Primeira República, o Cinema e o Moderno” é dedicado ao cinema silencioso.

**GONZAGA, Adhemar e Paulo Emílio Salles Gomes. *70 anos de cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Expressão Cultura, 1966.**

No prefácio os autores afirmam que “quanto mais vamos conhecendo o velho cinema nacional, mais nos vamos certificando, sem dúvida alguma, de que os seus homens e obras são testemunhos insubstituíveis de uma aspiração à independência e à cultura” (p. 9). O editor do livro de Paulo Emílio, *Cinema. Trajetória no subdesenvolvimento* (Rio de Janeiro: Paz e Terra/Embrafilme, 1980) informa que “embora o livro seja assinado por dois autores, o texto foi escrito por Paulo Emílio Salles Gomes, responsabilizando-se Adhemar Gonzaga pela parte iconográfica e legendas das fotografias” (p. 38). Nessa divisão, os comentários sobre as imagens constituem oportunidade para comentários biográficos mais detidos de algumas personagens citadas no corpo do texto, esse de caráter mais geral e preocupado com o processo histórico e suas principais características. Dividido em épocas (1896 a 1912; 1913 a 1922; 1923 a 1933; 1933 a 1949; 1950 a 1966), o recorte privilegia os momentos de conciliação entre a produção e o público, como foi o caso de sua “primeira época”, por exemplo. Ela representaria a fase inaugural de uma harmonia que foi perdida pela ação de agentes externos. Neste sentido, recuperá-la no presente significa trazer de volta um tempo que o cinema brasileiro precisa reencontrar. A iconografia reunida é expressiva e rara, pela primeira vez reunida em livro.

**GONZAGA, Alice. *Palácios e poeiras. 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Funarte, 1996.**

Fartamente ilustrado, o livro trata da história das salas de exibição no Rio de Janeiro entre os anos de 1895 a 1995. O critério de escolha dos cinemas historiados foi “o impacto, a dimensão e a penetração que o fenômeno salas de exibição alcançou na cidade” (p. 16). No que diz respeito ao cinema silencioso, o livro trata da chegada dos primeiros aparelhos de projeção de imagens em movimento à cidade, os espaços de exibição que se formam até a constituição da Cinelândia, denominação popular dada à região central da cidade que passou a abrigar os mais importantes cinemas. Dentro de

uma cidade reformada conforme os padrões urbanísticos franceses da época de Haussmann, as suntuosas salas de cinema se juntam aos equipamentos culturais lá existentes, como o Teatro Municipal, a Escola Nacional de Belas Artes e a Biblioteca Nacional, participando, assim, do concerto da modernidade tal como regido pelas elites.

**GONZAGA, Alice e Carlos Aquino. *Gonzaga por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 1989.**

Com rica iconografia e reprodução de documentos de época, o livro reconstitui a trajetória de Adhemar Gonzaga, figura fundamental para o cinema brasileiro da década de 1920 e 1930, à frente da revista *Cinearte*, criada por ele em 1926, e da produtora Cinédia em 1930, dentre inúmeras iniciativas.

**HABERT, Angeluccia Bernardes. *A Bahia de outr’ora, agora. Leitura de Artes & Artistas, uma revista de cinema da década de 20*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia/Academia de Letras da Bahia, 2002.**

Como o título indica, a autora examina *Artes & Artistas*, criada por Arthur Arezio Fonseca em 1920. A revista foi comercializada até 1924, depois de 153 edições. A autora pretende estabelecer não apenas “o conhecimento da época da sua publicação, como detectar (...) o embrião do raciocínio positivista” (p. 15). Analisa, dentre outros pontos, o discurso a respeito do cinema, o projeto gráfico, a presença dos filmes brasileiros. Traz uma reprodução em fac-símile da primeira edição de *Artes & Artistas*.

**HEMEROTECA DIGITAL DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL**

Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>, é possível consultar as coleções de revistas importantes do cinema silencioso, como *Cinearte* e *Scena Muda*, bem como pesquisar por palavras-chave o conteúdo de diversos jornais diários do Brasil. Os impactos da *Hemeroteca Digital*, criada em 2007, na pesquisa sobre cinema silencioso brasileiro ainda precisam ser avaliados.

**HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Quase catálogo 3. Estrelas do cinema mudo. Brasil 1908-1930*. Coordenação e pesquisa: Maria Fernanda Bicalho e Patrícia Moran. Rio de Janeiro: Fundação Museu da Imagem e do Som/Escola de Comunicação UFRJ, 1991.**

O estudo pretende “registrar alguns elementos que definiram o processo de construção da imagem das divas que povoaram as telas e as fantasias” no cinema brasileiro silencioso (p. 42). Como se trata de primeira iniciativa sistemática, a opção foi a de trazer informações de caráter biográfico sobre as atrizes e a repercussão de sua atuação junto à crítica especializada. O capítulo “Cinema Mudo” apresenta a biografia de mais de uma centena de atrizes, escritos também por especialistas convidados, como Carlos Roberto de Souza, Ana Pessoa e Máximo Barro, dentre outros. O livro inclui ainda uma reflexão sobre o estrelato e as suas peculiaridades no Brasil.

**KORFMANN, Michael (coord).** *Ten contemporary views on Mário Peixoto's Limite.* Münster: MV Wissenschaft, 2006.

*Limite* (1931), de Mário Peixoto, é examinado sob diferentes perspectivas por autores como Walter Salles, Saulo Pereira de Mello, Carlos Augusto Calil, William Drew, Alexander Graf, Paulo Venâncio Filho, Constança Hertz, Aparecida Berchior, Marco Lucchesi e Marcelo Noah, que procuram, dentre outros aspectos, analisar o processo criativo do diretor, a dimensão estética da obra, a sua importância e atualidade para a história do cinema mundial. Traz um prefácio do organizador da obra, uma apresentação de Walter Salles, e “A film from South America”, texto que durante muito tempo foi atribuído a Eisenstein por Mário Peixoto, verdadeiro autor do artigo.

**LABAKI, Amir.** *Introdução ao documentário brasileiro.* São Paulo: Francis, 2006.

Com apresentação Ismail Xavier, o livro dedica seu primeiro capítulo aos chamados “pioneiros da era muda”, com destaque conferido aos filmes *No Paiz das Amazonas* (1922), de Silvino Santos, *Ao redor do Brasil* (1932), de Luiz Thomaz Reis, e *São Paulo, sinfonia da metrópole* (1929), de Adalberto Kemeny e Rudolph Rex Lustig.

**LEAL, Wills.** *Cinema e província. História do cinema paraibano.* João Pessoa: Edição do autor, 1968.

Em dois capítulos o historiador trata do cinema silencioso. No primeiro, dedica quatro páginas ao surgimento e ampliação das salas de exibição na Paraíba. Dedicar o segundo capítulo ao estudo da figura do cinegrafista Walfredo Rodriguez, responsável por, dentre outros documentários, *Sob o céu nordestino* (1929), longa-

metragem produzido entre 1924 e 1928, e “um marco no cinema nacional, notadamente pelo seu aspecto científico” (p. 19)

**LEAL, Wills. *Cinema na Paraíba/cinema da Paraíba. vol. 1. João Pessoa: Santa Marta, 2007.***

Com apresentação de Mônica Botelho e prefácios de Vladimir Carvalho e Oscar de Castro, o livro trata da história do cinema na e da Paraíba. No que diz respeito ao cinema silencioso, interessam os capítulos iniciais, a saber, “Velhos cinemas ou a chegada da era maravilhosa da imagem” e “O cinema invade a Paraíba ou as características de cada cidade”.

**LEITE, Ary Bezerra. *Fortaleza e a era do cinema. Pesquisa histórica. Volume 1. 1891-1931. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995.***

Organizado por ano, o livro em mais de quinhentas páginas traz informações sobre a presença do cinema em Fortaleza, articulando esses dados sobre aparelhos, críticos e salas de exibição tanto com a história geral do cinema quanto a do Brasil. Há uma lista dos “300 filmes que fizeram sucesso (1898-1931)” na capital do estado do Ceará.

**LEITE, Ary Bezerra. *A tela prateada. Cinema em Fortaleza - 1897-1959. Do cinematógrafo aos anos 50. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.***

Como indicado pelo título, o autor traça o percurso histórico relativo à presença do cinema em Fortaleza, capital do estado do Ceará, de suas salas de exibição, de seus críticos, etc. Traz um quadro sinóptico ao final com os cinemas da cidade, com data de inauguração.

**LIMA, Evelyn Furquim Werneck. *Arquitetura do espetáculo. Teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.***

Nessa história dedicada aos espaços que exibiram filmes e peças teatrais, a autora, baseada em “crônicas, artigos de periódicos, análise dos processos de construção dos edifícios nas praças, impressões de viajantes e diplomatas” (pp. 27-28), além de ampla iconografia, se dedica a pensar a cultura da modernidade e do espetáculo. Assim, insere a criação dos espaços de exibição dentro das reformas urbanísticas empreendidas na cidade do Rio de Janeiro, realizadas para que a então capital da

República se equiparasse aos centros “civilizatórios”. Dentre os capítulos de interesse, destaco “O cinema e a praça: 1907-1950”.

**MACHADO Jr., Rubens. “São Paulo e seu cinema. Para uma história das manifestações cinematográficas paulistanas (1899-1954). En: Porta, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo. v. 2. A cidade no Império. São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp. 457-505.***

Rubens Machado Jr. é um dos especialistas em cinema silencioso, autor de uma inédita dissertação de mestrado intitulada *São Paulo em movimento. A representação cinematográfica da metrópole nos anos 20* (São Paulo: ECA-USP, 1989). Na primeira parte deste capítulo, “Dos inícios ao apogeu do período silencioso nos anos 20” (pp. 457-479), o autor retoma, de forma resumida, sua pesquisa, recuperando a presença dos imigrantes, a influência do cinema norte-americano e os principais filmes dessa época, como *Fragments da Vida* (1929), de José Medina. Ao final, traz uma filmografia.

**MACIEL, Laura Antunes. *A nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon. São Paulo: Educ/Fapesp, 1998.***

Originalmente apresentado como tese de doutoramento em História para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1997, o livro se ocupa das diferentes frentes nas quais a Comissão Rondon esteve envolvida. O capítulo “Uma câmara em busca da Nação” trata do cinema e da fotografia na referida comissão, destacando sua importância junto à formação de um público. Examinou, dentre outros, fragmentos de *Os sertões de Mato Grosso* (1912-1913), *Rituais e festas bororo* (1917), *Ronuro, selvas do Xingu* (1924), e *Ao redor do Brasil* (1931), coletânea de materiais filmados entre 1924 e 1930.

**MARTINS, Luciana. *Photography and documentary film in the making of modern Brazil. Manchester: Manchester University Press, 2013.***

O livro discute as relações entre cultura visual, nação e modernidade a partir do exame de fotografias e filmes produzidas por uma “variedade de grupos, incluindo cinegrafistas, exploradores, aventureiros, antropólogos, intelectuais e missionários” (pp. 7). Uma extensa iconografia é mobilizada na análise das imagens, fixas ou em movimento, que são tomadas em sua intersecção entre duas culturas, a nativa e a euro-americana. Seu objeto são os índios, registrados em expedições ocorridas no

Brasil entre os anos 1910 e 1930. Dentre elas, dedica dois capítulos ao documentarista Silvino Santos. O primeiro, “Silvino Santos: documenting modern Brazil”, examina *No paiz das Amazonas* (1922) e *Terra Encantada* (1923). O segundo, “Filming *Terra Incognita*: the exploration of the Amazon”, trata do registro das expedições do explorador norte-americano Hamilton Rice pelo interior da região amazônica. Dentre os materiais analisados, *No Rastro do Eldorado* (1925), de Silvino Santos. Há também um capítulo, “Coffee, modernity and the Brazilian image world”, dedicado ao exame da imagem do café, outro produto muito identificado à ideia de brasilidade nos anos 1920, examinando documentários como *Companhia Docas de Santos* (1926-1929) e *Fazenda Santa Catharina-Perderneiras* (1927).

**MATOS, Marcos Fábio Belo. ...E o cinema invadiu a Athenas. A história do cinema ambulante em São Luís. 1898-1909. São Luís: FUNC, 2002.**

O autor retoma o trabalho mais à frente comentado de Euclides Moreira Neto sobre o início do cinema em São Luís, capital do estado do Maranhão. Matos ampliou a pesquisa, recorrendo à imprensa da época para situar, entre 1898 e 1909, acerca das exposições itinerantes, chamadas de “cinema ambulante”. Depois de um capítulo introdutório sobre o surgimento do cinema na França e sua chegada ao Brasil, de considerações sobre a cidade de São Luís no período histórico estudado, e de uma apresentação sobre “os antecedentes dos aparelhos cinematográficos” (p. 22), o quinto capítulo, enfim, mapeia “todos os aparelhos cinematográficos que passaram por São Luís” para discorrer sobre “as possíveis influências e repercussões que esse Ciclo Ambulante deixou” à cidade (p. 23). Traz como anexo “Referências sobre aparelhos cinematográficos nos [jornais] pesquisados de São Luís durante o ciclo do cinema ambulante”.

**MATOS, Marcos Fábio Belo. Ecos da modernidade. Uma análise do discurso sobre o cinema ambulante em São Luís. Passo Fundo, RS: Méritos, 2016.**

O trabalho, como o título indica, analisa o impacto da passagem dos cinematógrafos por São Luís, capital do estado do Maranhão, entre os anos 1898 e 1909, preocupado com “as relações e os engendramentos do discurso sobre o cinema ambulante com discursos da modernidade” sobre a cidade (p. 14). O primeiro capítulo, dedicado à

história do cinema ambulante na região, traz elementos para situarmos a circulação de aparelhos e filmes, bem como a sua recepção.

**MAURO, André di. *Humberto Mauro. O pai do cinema brasileiro*. São Paulo: Giostri, 2013.**

O autor, dramaturgo e ator, é neto de Haroldo Mauro, irmão mais novo de Humberto, e apresenta o projeto editorial como um “livro-roteiro” (p. 13), dado que seu “objetivo inicial era desenvolver o roteiro para um longa-metragem, mas, por ocasião do centenário de seu nascimento em 1997, resolvi homenageá-lo publicando um livro” (p. 13). Em formato de roteiro, com indicações de cena, como por exemplo, “Bar do Fonseca – Interior – Noite” (p. 38), e livro, dada a separação em capítulos e a inserção de comentários críticos, a história do cineasta é contada desde o seu período de formação em Cataguases até seu falecimento em 1983.

**MELLO, Saulo Pereira de. *Limite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.**

Um dos poucos filmes brasileiros acrescidos pela editora à série importada da British Film Institute, que lançou uma coleção de pequenos livros dedicou aos filmes considerados clássicos da história do cinema mundial. Traz extenso comentário crítico sobre a obra, exibida em 1931, além de dados biográficos sobre Mario Peixoto antes e depois de seu primeiro e único filme.

**MELLO, Saulo Pereira de. *Limite. Filme de Mário Peixoto*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.**

Esse livro é resultado do trabalho de restauração do filme realizado pelo autor em 1970 e foi pensado como “instrumento de trabalho e de prazer para quem ama o cinema” (p. 9). O instrumento consiste na reprodução de todos os fotogramas de *Limite* (1931), realizando dessa maneira “um análogo de partitura de música para o cinema, uma espécie de mapa, onde se pudesse seguir todo o filme visualmente e não literariamente” (p. 9). O “mapa”, como ficou conhecido o projeto editorial, foi de suma importância em uma época em que não existia VHS e o acesso à película era raro. O prefácio de Octávio de Faria, um dos membros do Chaplin Club, cineclube formado em 1928 e defensor do cinema silencioso e, em particular, de *Limite*, situa a obra criticamente. Há também um texto introdutório de Mello.

**MELO JUNIOR, Cordovan Frederico de. *Cine Luz. No tempo do cinema*. União da Vitória, PR: Fundação Municipal de Cultura, 1996. (Nossa memória, 1).**

O livro se ocupa do Cine Luz, construído na década de 1950. Porém, traz notas históricas e iconografia sobre alguns dos cinemas construídos nos anos 1920 na região, como os da cidade de Porto União, no estado de Santa Catarina. Dentre as imagens encontra-se, a de uma orquestra destinada a acompanhar os filmes silenciosos no cinema da cidade.

**MIRANDA, Luiz Felipe. *Dicionário de cineastas brasileiros*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Art Editora Ltda, 1990.**

Há pequenos verbetes biográficos dedicados a diversos cineastas do período silencioso, como Eduardo Abelim, Luiz de Barros, Antônio Campos, Arturo Carrari, José Medina, Humberto Mauro, José del Picchia, Vittorio Capellaro, dentre inúmeros citados.

**MNEMOCINE. BANCO DE TESES SOBRE CINEMA BRASILEIRO.**

Nesse trabalho desenvolvido por José Inacio de Melo Souza, disponível em <http://teses.lzo.com.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/scripts/>, é possível recuperar informações sobre teses e dissertações sobre cinema brasileiro defendidas em programas de pós-graduação do Brasil a partir de 1972, e do exterior.

**MORAES, Julio Lucchesi. *São Paulo capital artística. A cafeicultura e as artes na belle époque (1906-1922)*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2014.**

Em um dos raros estudos voltados à economia da cultura, o autor analisa “a dinâmica de relações estabelecidas entre a atividade cafeeira e o segmento cultural paulistana no período 1906 – 1922” (p. 19). Há um capítulo dedicado à “situação do segmento das casas de espetáculo (cinemas e teatros, com exceção do Teatro Municipal)” (p. 21) e os vínculos com o capital cafeeiro. Examina aspectos pouco incorporados à história do cinema como as oscilações do custo de vida, o perfil socioeconômico dos espectadores e listas de preços nominais de ingresso, dentre outros assuntos.

**MOREIRA NETO, Euclides Barbosa. *Primórdios do cinema em São Luís*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão/Cineclube Uirá, 1977.**

Trata-se de um trabalho de graduando em Comunicação Social na Universidade Federal do Maranhão sobre, como indicado no título, os primeiros aparelhos trazidos, salas de cinemas construídas e filmes realizados em São Luís, capital do Estado do

Maranhão. A pesquisa abarca o período que se inicia em 1897 até 1919, ano da inauguração do cine-teatro Éden.

**MORENO, Antonio. *Cinema brasileiro. História e relações com o Estado*. Niteroi, RJ: Eduff; Goiânia, GO, CEGRAF/UFG, 1994.**

Dividido em épocas, abrange o período que vai de 1896 a 1985. Dedicar três capítulos ao período silencioso, divididos cronologicamente, a saber, 1896-1911, 1912-1922, 1923-1933. Cada capítulo traz um “resumo”, um “panorama político” e um pequeno panorama histórico centrado em seus filmes, diretores e produtores, agrupados ora em gênero, como os filmes cantantes, ora nos chamados ciclos regionais.

**MORETTIN, Eduardo. “Dimensões históricas do documentário brasileiro no período silencioso”. En: Morettin, Eduardo; Marcos Napolitano; Mônica Kornis (org.). *História e Documentário*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 11-43.**

O autor examina a produção documental brasileira do período silencioso centrada nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, submetendo-a a recortes temáticos que transcendem a historiografia clássica do cinema brasileiro e que dialogam com a história cultural. Dois traços dominantes são destacados: a representação de eventos cívicos e espaços monumentais típicos a uma metrópole no Brasil nas primeiras décadas do século XX; a representação dos festejos carnavalescos nas ruas (cursos, desfiles de clubes). É feito o exame mais rigoroso de um filme, *Caça à Raposa* (1913), de Antonio Campos, a fim de verificar o padrão de ordem visual estabelecido em sua relação com o recorte proposto

**MORETTIN, Eduardo. *Humberto Mauro, Cinema e História*. São Paulo: Alameda Editorial, 2012.**

Nesse estudo sobre os filmes *Descobrimento do Brasil* (1937) e *Os Bandeirantes* (1940), ambos de Humberto Mauro, o autor realiza uma análise dos projetos dirigidos ao emprego do cinema em sala de aula nos anos 1910 e 1920, além de examinar alguns filmes do período, como *São Paulo, sinfonia da metrópole* (1929), de Adalberto Kemeny e Rudolph Rex Lustig, a fim de perceber como a encenação da história e de seus lugares de memória se insere na tradição mobilizada pelos educadores.

**MORETTIN, Eduardo.** “O Rio de Janeiro no documentário brasileiro do período silencioso. Imagens, circuitos e formulações críticas”. En: Kushnir, Beatriz e João Luiz Vieira. *Rio, 450 anos de cinema*. Rio de Janeiro: Em Tempo; FAPERJ, 2016, pp. 17-32.

O texto historia a presença do cinema brasileiro no período por intermédio da cultura cinematográfica surgida naqueles anos, tanto em cronistas da imprensa, como Figueiredo Pimentel, como nas páginas de *Cinearte*. Elenca os principais temas do cinema produzido e veiculado na então capital da República, analisando *O que foi o carnaval de 1920!* e *Barão do Rio Branco - A nação em luto - Os funeraes* (1912), ambos de Alberto Botelho.

**NICOLAS, Isabella Souza.** *O cinema brasileiro no século XX. Depoimentos*. Rio de Janeiro: s.n, 2004.

Há um capítulo dedicado à “bela época”, aqui entendida como o período que abrange toda a existência do silencioso no Brasil. Os capítulos, na verdade, são estruturados a partir da iconografia e de trechos de entrevistas realizadas pela autora com Hernani Heffner, Paulo Roberto Ferreira, Lécio Ramos, Carlos Diegues, Cil Farney e Silvio Da Rin.

**NOBRE, Francisco Silva.** *À margem do cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1963.

Reunião de textos sobre diferentes aspectos culturais do cinema brasileiro, traz capítulos dedicados a cineastas do período silencioso, como, dentre outros, Antonio Leal, Paolo Benedetti e Humberto Mauro.

**NOBRE, Francisco Silva.** *O livro de cinema no Brasil*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1976.

Traz capítulos com comentários críticos a respeito de livros sobre cinema brasileiro agrupados em diversos temas, como “aspectos técnicos”, “história do cinema”, “cinema educativo”, “catálogos e anuários”, “traduções de livros estrangeiros”, “Chaplin”, dentre outros.

**NOBRE, Francisco Silva.** *Pequena história do cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Associação Atlética do Banco do Brasil, 1955.

O livro cobre o período que vai de 1903 a 1940, estruturando-se por anos e, para cada ano, a lista dos eventos tidos como mais importantes (realização de filmes, inauguração de cinemas, o surgimento de revistas, etc.). O próprio autor assume, em sua apresentação, o caráter de “apresentação de dados”, muito corrente em diversos dos livros aqui inventariados, distante de um esforço de síntese, análise e agrupamento por um critério que não seja o cronológico.

**NORONHA, Jurandyr. *Dicionário de cinema brasileiro. De 1896 a 1936. Do nascimento ao sonoro*. Rio de Janeiro: EMC, 2008.**

Além de verbetes dedicados a filmes, diretores, atores e atrizes, fotógrafos, músicos e compositores, companhias produtoras, etc (pp. 55-432), o dicionário, com rica ilustração, traz as seguintes partes. “Cronologia”, com dados relativos à história do cinema brasileiro silencioso e dos anos 1930; “Ciclos regionais”, listando tanto os mais conhecidos, como Cataguases, Recife, dentre outros, como os menos, sendo o de Bariri, cidade do interior do estado de São Paulo, o mais singular, e indicando, para cada ciclo, os filmes a ele pertencentes; “Gêneros”, em que Noronha discorre, em uma página, sobre os filmes “falantes e cantantes”; e “Bibliografia”, com pequenos comentários sobre os livros concernentes ao período.

**NORONHA, Jurandyr. *No tempo da manivela*. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América (Ebal)/Kinart Cinema e Televisão/Embrafilme, 1987.**

Com apresentações de Paulo Roberto Ferreira e José Carlos Avellar, o livro traz uma extensa iconografia comentada pelo autor. Como Noronha diz, não se trata de “um livro propriamente, mas [de] um punhado de textos-legendas”, dedicado ao cinema silencioso no Brasil entre os anos de 1898 e 1930. Há reprodução de fotogramas pertencentes ao acervo do colecionador, como *Circuito de São Gonçalo* (1909), de Alberto Botelho, tido como “o mais antigo filme brasileiro até hoje descoberto” (p. 16). Por sua raridade, esta e outras imagens do livro constituem fonte inestimável de pesquisa.

**NORONHA, Jurandyr. *Pioneiros do cinema brasileiro*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994.**

Edição de luxo e trilingue (português, alemão e inglês) que traz uma história ilustrada do cinema brasileiro, com um pequeno texto de caráter histórico

acompanhado de um cronologia que se inicia em 1908 e termina em 1933. O projeto editorial foi realizado para a 46ª Feira Internacional do Livro, em Frankfurt.

**ORTIZ, Carlos. *O romance do gato preto. História breve do cinema*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1952.**

Nessa história geral, dedica um capítulo ao cinema brasileiro (pp. 171-191). O cinema silencioso ocupa duas páginas na parte intitulada “Nos bons tempos da cena muda” em abordagem que privilegia a lista de diretores e respectivos filmes.

**PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. *História ilustrada dos filmes brasileiros: 1929-1988*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.**

Na primeira página o livro aborda alguns dos filmes silenciosos produzidos entre 1929 e 1931, como *Lábios sem Beijos* (1930), de Humberto Mauro, e *Limite* (1931), de Mário Peixoto. Acompanham, como indicado no título, fotogramas e fotografias de cena.

**PAIVA, Samuel e Sheila Schvarzman (orgs). *Viagem ao cinema silencioso do Brasil*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.**

O livro sistematiza os trabalhos de pesquisa do grupo coordenado por Carlos Roberto de Souza, Luciana Correa de Araújo e Arthur Autran que, de 2002 a 2008, promoveu na Cinemateca Brasileira sessões destinadas a mostrar toda a produção remanescente do período silencioso. Nesse projeto editorial temos um apanhado bastante profícuo de diferentes momentos da produção cinematográfica brasileira, em movimento que procura se distanciar de paradigmas e conceitos já constituídos em nossa historiografia, como “ciclos regionais” ou “pioneirismo”. O texto de introdução, de Carlos Roberto de Souza, “Estratégias de sobrevivência”, situa o livro e discute o papel da Cinemateca na preservação de nossa memória cinematográfica. São quatro seções temáticas. “Sobre gênero no cinema silencioso”; “Tensões nas representações sociais”; “A viagem da Nação”; e “Os arquivos e a memória”. Ao final, dois anexos: “Relatório de viagem do Major Reis”, de 1918, que inclui também o documento “Fé de ofício do capitão Luiz Thomaz Reis (de 1900 a 1928)”, e “Levantamento dos filmes brasileiros existentes do período silencioso”

**PARANAGUÁ, Paulo Antonio (dir).** *Le cinéma brésilien.* Paris: Centre Georges Pompidou, 1987.

Publicado por ocasião de uma retrospectiva consagrada ao cinema brasileiro pelo Centre Georges Pompidou, de março a outubro de 1987, o livro reúne textos de caráter geral sobre a história do cinema brasileiro e seus diretores. Maria Rita Galvão escreve o capítulo “Muet” (pp. 51-65), e Carlos Roberto de Souza se encarrega de um estudo monográfico dedicado a Humberto Mauro (pp. 135-143). Em parte de “Critique, idéologies, manifestes” (pp. 221-229), Ismail Xavier discorre sobre *Cinearte*, as relações entre cinema e modernistas, e a crítica de *O Fan*, publicação de Chaplin Club. Aspectos da história do período silencioso também são abordados por Paulo Antonio Paranaguá, em “À la recherche d’un star system” (pp. 199-211), e por Elice Munerato e Maria Helena Darcy de Oliveira, em “Muses derrière la caméra” (pp. 213-219). Completam a obra um “Tableau synoptique: cinéma, culture et société au Brésil” (pp. 21-48), a cargo de Paranaguá, “Dictionnaire des réalisateurs” (pp. 251-259), “Deux cents films brésiliens (1913-1986)” (pp. 261-311) e “Lexique”, com a tradução para o francês de termos como “cinemão” e “barravento”, dentre outros.

**PARANAGUÁ, Paulo Antonio.** *A invenção do cinema brasileiro. Modernismo em três tempos.* Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Casa da Palavra, 2014.

O primeiro “tempo”, de interesse aos estudiosos do cinema silencioso, deste ensaio relaciona quatro escritores e poetas modernos dos anos 1920 e 1930 ao cinema. São eles, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida e Carlos Drummond de Andrade. Examina a posição desses intelectuais para com o cinema norte-americano, dentre outras questões, e procura reavaliar a tese do desencontro entre cinema e modernismo brasileiros, tal como indicado por Ismail Xavier e Paulo Emílio Salles Gomes.

**PEREIRA, Adriana Martins.** *Lentes da memória. A descoberta da fotografia de Alberto de Sampaio: 1888-1930.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

Centrada na história visual de Petrópolis e do Rio de Janeiro e na cultura amadora a partir da coleção de Alberto de Sampaio, a autora incorpora em seu livro um capítulo intitulado “Cinema amador”, naquele que é o primeiro estudo publicado sobre o tema no país, com sistematização histórica e análise dos filmes amadores realizados por

Sampaio. Destaca-se a primorosa pesquisa, a qualidade da edição e a rica iconografia mobilizada em seu trabalho.

**PEREIRA, Carlos Eduardo. *A música no cinema silencioso no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2014.**

Esse estudo se debruça de forma mais vertical sobre a presença e participação da música no acompanhamento de filmes brasileiros exibidos no período silencioso. Há reprodução e análise de várias partituras e de fotografias de grupos musicais dentro das salas de cinema, bem como o resgate da história de alguns compositores da época.

**PFEIL, Antonio Jesus. “Cinematógrafo e o cinema dos pioneiros”. En: Becker, Tuio (org.). *Cinema no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995, pp. 17-29.**

Como o título indica, o texto faz um estudo panorâmico sobre os principais cinegrafistas e nomes envolvidos com o cinema silencioso no estado do Rio Grande do Sul, avançando também em considerações de caráter histórico sobre a produção nos anos 1930 e 1940.

**PESSOA, Ana. *Carmen Santos. O cinema dos anos 20*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.**

Nesse livro a pesquisadora analisa a trajetória de uma das mais importantes atrizes e produtoras da história do cinema brasileiro. Seu primeiro atuação foi *Urutau* (1919), filme perdido, tendo depois participado de filmes como *Sangue Mineiro* (1929), de Humberto Mauro, e de *Limite* (1931), de Mário Peixoto, clássico do cinema silencioso brasileiro por, dentre outros motivos, afirmar sua sintonia com o cinema moderno europeu dos anos 1920. Por meio de críticas de época e de extensa pesquisa em arquivos, reconstitui os projetos e as realizações daquela que ficou conhecida como Mademoiselle Cinema (sua personagem em um filme homônimo e inacabado de 1924) para pensar também a condição feminina no período. Há dois capítulos finais centrados na participação da atriz em produções dos anos 1930.

**PINHEIRO, Marinete e Neide Fischer. *Salas de sonhos. História dos cinemas de Campo Grande*. Campo Grande: MS. UFMS, 2008.**

Nessa história há um pequeno capítulo dedicado à chegada do cinema em Campo Grande (pp. 15-21), abrangendo o período de 1910 aos anos 1930.

**PIRES, José Henrique Nunes; Norberto Verani Depizolatti; Sandra Mara de Araujo. *O cinema em Santa Catarina*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.**

Apenas um capítulo, “Início do cinema em Santa Catarina” (pp. 13-33), é dedicado ao cinema silencioso, mapeando as salas de cinema, filmes e diretores do estado. Na apresentação os autores historicam as pesquisas realizadas sobre essa produção a fim de situar a contribuição do livro.

**PIRES, Zeca. *Cinema e história. José Julianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do cinema catarinense*. Blumenau: SC. Edifurb, 2000.**

Originalmente dissertação de mestrado defendida em 1999 no programa de História da Universidade Federal de Santa Catarina, o livro traz um prefácio de Sylvio Back. O seu primeiro capítulo discorre sobre as relações entre cinema e história para depois se debruçar sobre as fontes utilizadas (entrevistas, filmes, etc) e o método de análise empregado (fichas de catalogação, por exemplo). Traz dados biográficos sobre José Julianelli e Alfredo Baumgarten, informações sobre a sua filmografia, e um estudo comparativo sobre os dois cinegrafistas, que começaram a filmar nos anos 1920.

**PÓVOAS, Glênio. “Confusões, entraves, desafios na história da Fábrica Guarany”. En: Gutfreind, Cristiane Freitas e Carlos Gerbase (orgs.). *Cinema gaúcho. Diversidades e inovações*. Porto Alegre: Sulina, 2009, pp. 17-38.**

O autor se dedica a recuperar a história do cinegrafista Eduardo Hirtz, realizador de documentários, filmes de ficção e do *Recreio-Ideal*, atualidade cinematográfica que teve vinte e uma edições em 1912, e da Guarany Fábrica de Fitas Cinematográficas, companhia de Francisco Santos, responsável, dentre outras produções, pelo filme *Os óculos do vovô* (1913), do qual restaram ainda cinco minutos (disponível em <http://www.bcc.org.br/filme/detalhe/001395>) o mais antigo registro no Brasil de um filme de ficção. O estudo procura inserir essa produção na história do cinema em outras regiões do país, ao mesmo tempo em que precisa as informações sobre a produtora e a época.

**RAMOS, Fernão (org.). *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art Ed., 1987.**

O livro é organizado em módulos, sendo que três deles se ocupam do cinema silencioso. O primeiro, de Roberto Moura, trata do cinema carioca dos primórdios até

1930. O segundo, de Ana Lúcia Lobato, historia os ciclos regionais dos estados de Minas Gerais e das regiões Norte e Nordeste. Por fim, Rubens Machado Jr. aborda o cinema paulistano e os “ciclos regionais Sul-Sudeste” no período que compreende os anos 1912 a 1933. Repleto de nomes e títulos de filmes, traz ao final uma filmografia, organizada por Ricardo Mendes, e preciosos índices onomástico e de obras citadas.

**RAMOS, Fernão e Luiz Felipe Miranda (orgs.). *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Editora Senac, 2000.**

Esse projeto editorial traz inúmeros verbetes de interesse para os estudiosos do cinema silencioso brasileiro. Escritos por especialistas no assunto, temos desde de entradas dedicadas a atores, atrizes e diretores, passando por revistas de cinema como *Cinearte*, cineclubes, como Chaplin Club, a comentários mais abrangentes, destinados a explicar categorias empregadas para examinar o período, como “filmes cantantes” e “ciclos regionais”. Os verbetes chamados “temáticos”, portanto, se ocupam de balanços gerais, como é o caso de “livros”, onde Fernão Ramos mapeia a produção editorial escrita sobre a história de nosso cinema.

**REBECA – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**

Trata-se da revista da Sociedade de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE), que congrega diversos especialistas em cinema brasileiro. Disponível em <https://rebeca.socine.org.br/1/issue/view/14>

**ROCHA, Glauber. *Revisão crítica do cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1963.**

Glauber escreve esse livro durante as filmagens de *Deus e o diabo na terra do Sol* (1963). De orientação programática, recupera o passado para enxergar nele lições e caminhos a serem tomados e refletidos sobre o presente, que é o do cinema novo e das tensões socioculturais que ocupam o país. Dois capítulos discorrem sobre diretores importantes do cinema silencioso. “Humberto Mauro e a Situação Histórica”, em que estabelece o diretor mineiro como patriarca do movimento cinemanovista; e “O Mito *Limite*”, como exemplo a ser deixado de lado.

**RODRIGUES, João Carlos. *O negro e o cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.**

Nesse estudo panorâmico, o autor dedica um breve capítulo ao cinema silencioso, a saber, “O negro na Bela Época do Cinema Brasileiro”. Traz uma introdução de Carlos Diegues e prefácio de João Luiz Vieira.

**SALIBA, Maria Eneida Fachini. *Cinema contra cinema. O cinema educativo de Canuto Mendes (1922-1931)*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003.**

O livro analisa a trajetória de Joaquim Canuto Mendes de Almeida, um dos poucos intelectuais do estado de São Paulo que se envolveu com a produção de filmes. História sua participação em filmes paulistas dos anos 1920 como argumentista, roteirista e diretor, além de examinar seu envolvimento com a campanha pelo cinema educativo. Tendo sido um de seus principais defensores, Canuto Mendes escreveu diversos artigos e um livro, intitulado *Cinema contra Cinema* (1931), em que expõe as mazelas do cinema comercial e a necessidade de intervenção do Estado, por meio da censura e da produção, para a realização de filmes considerados adequados à formação moral e cívica dos cidadãos.

**SCHVARZMAN, Sheila. *Humberto Mauro e as imagens do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.**

Nesse estudo dedicado à obra do cineasta mineiro, o primeiro capítulo, “Uma essência rural?”, é voltado ao período que abrange o início da carreira de Mauro na cidade de Cataguases, interior do estado de Minas Gerais, até meados da década de 1930, quando se muda para o Rio de Janeiro e passa a trabalhar para a Cinédia, criada em 1930 por Adhemar Gonzaga, e depois para a Brasil Vita Filmes, de Carmen Santos. Na fase relativa à Cataguases, a autora discute essa produção em diálogo, nem sempre concordante, com a perspectiva de Paulo Emílio Salles Gomes. Nos anos 1930, analisa o último filme silencioso de Mauro, *Lábios sem beijos* (1930).

**SILVA, Gastão Pereira da. *Serrador, o creador da Cinelândia*. Rio de Janeiro: Empresa de Propaganda Ariel, 194-?.**

Na linha “homens ilustres”, o livro traz a biografia de Francisco Serrador, ressaltando seu caráter empreendedor, ele que foi empresário no ramo das diversões populares e um dos mais importantes donos de salas de cinema em Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro.

**SILVA NETO, Antonio Leão da. *Astros e estrelas do cinema brasileiro*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.**

Trata-se de um dicionário com verbetes dedicados aos principais atores e atrizes do cinema brasileiro, incluindo os que atuaram no cinema silencioso. Cada verbete traz uma filmografia.

**SILVA NETO, Antonio Leão da. *Dicionário de filmes brasileiros. Longa-metragem*. São Paulo: A. L. Silva Neto, 2002.**

Traz a fichas técnicas, resumos, premiações, mini-biografias e comentários de mais de três mil e oitocentos filmes, história que o autor recupera desde 1908 até o ano de sua publicação, 2002.

**SILVA NETO, Antonio Leão da. *Dicionário de filmes brasileiros. Curta e média-metragem*. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2006.**

O dicionário traz verbetes que cobrem os filmes produzidos entre 1897 a 2005. São mais de dezessete mil entradas. Traz apresentação de Zita Carvalhosa, prefácio de Jorge Furtado e introdução de Maximo Barro. O dicionário está dividido em três capítulos: animação (4% do total); documentário (74%); ficção (22%).

**SILVEIRA, Walter da. *A história do cinema vista da província*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.**

Nesse livro póstumo do crítico e animador cinematográfico Walter da Silveira, um dos fundadores do Clube de Cinema da Bahia, espaço formativo de Glauber Rocha dentre outros cineastas baianos, a história do cinema é abordada a partir de sua presença em Salvador. A pesquisa, ancorada em periódicos da capital, recupera também o fortalecimento da crítica e da cultura cinematográficas, com o lançamento da revista *Artes e Artistas* em 1920 e do livro de Sílio Boccanera Junior, *Os cinemas da Bahia, 1897 – 1918*, publicado em 1919, sem contar as informações sobre as filmagens e projetos realizados durante o período silencioso. Traz ao final um estudo sobre o crítico de autoria de José Umberto Dias, que organizou e preparou o material para publicação, além de prefácio de Guido Araujo.

**SOARES, Jota. *Relembrando o cinema pernambucano. Dos arquivos de Jota Soares. Organização de Paulo Carneiro da Cunha Filho; apresentação Anco Márcio Tenório Vieira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2006.***

Este livro contém uma compilação dos 59 artigos de Jota Soares publicados no *Diário de Pernambuco* entre 1944 e 1962 sobre os filmes realizados durante o Ciclo do Recife (décadas de 1920 e 1930), com dados biográficos das personalidades, fichas técnicas e sinopses.

**SOUZA, Carlos Roberto de. *A fascinante aventura do cinema brasileiro. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1981.***

Nesse livro o autor recupera textos escritos nos anos 1970 sobre a história do cinema brasileiro. Em perspectiva cronológica e notável esforço de síntese, acompanhamos, no que diz respeito ao cinema silencioso, o panorama que se inicia com a chegada do cinema no Brasil, passando pelos seus principais filmes e personagens, como *Limite* (1931), de Mário Peixoto e terminando com a transição do silencioso para o cinema sonoro.

**SOUZA, Carlos Roberto de. *Nossa aventura na tela. São Paulo: Cultura Editores, 1998.***

Trata-se de versão revista e ampliada de *A fascinante aventura do cinema brasileiro*, comentado atrás. Agrupa em capítulos (“Chegadas e Época de Ouro. 1896-1914”), “Romances. 1915-1935”) o que antes se encontrava disposto em itens, além de rever, em alguns casos, seus títulos. O acréscimo mais substancial diz respeito à adição de novo capítulo, “Caminhos a partir de 1980”.

**SOUZA, José Inacio de Melo. *Imagens do passado. São Paulo e Rio de Janeiro nos Primórdios do Cinema. São Paulo: Ed. Senac, 2004.***

O autor, um dos mais profícuos e importantes historiadores de nosso cinema, recupera a história do período compreendido entre os anos de 1896 e 1916. Vinculando o cinematógrafo ao contexto de modernização promovido pela recém-instituída República, examina a expansão do mercado exibidor nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, o impacto desta ampliação sobre a produção de filmes brasileiros e a recepção crítica das películas aqui exibidas. Melo Souza traça um quadro geral das obras realizadas no país, cotejando-as com as de outras cinematografias aqui

apresentadas e inserindo-as dentro de um circuito cultural mais amplo, uma vez que o autor nos remete aos universos da música, teatro e imprensa. Ao mesmo tempo, propõe-se a revisar a periodização tradicionalmente adotada pela historiografia para abordar o momento. Para tanto, demarca nos capítulos iniciais dois legados com os quais prestará contas ao longo do livro, quais sejam, os campos construídos pela memória e pela história.

**SOUZA, José Inácio de Melo. *Salas de cinema e a história urbana de São Paulo (1895-1930). O cinema dos engenheiros. São Paulo: Senac, 2016.***

O livro trata da criação e distribuição pelo espaço urbano das salas de cinema em São Paulo entre 1895 a 1930. Fartamente ilustrado, traz uma série de mapas e projetos arquitetônicos relativos à construção desses espaços. Nessa história, o ponto de clivagem é a lei municipal n. 1.954 de fevereiro de 1916, que normatizava sua edificação com o intuito de: conferir maior segurança aos espectadores, como a limitação de excesso de público e a preocupação com os incêndios; delimitar de forma clara os padrões para a construção e lugar das cabines de projeção; bem como aprimorar as condições de higiene. A intervenção do município denotava a ação, ancorada no discurso científico de engenheiros, arquitetos e sanitaristas, destinada a conferir racionalidade no uso dos espaços públicos, controlando tanto as condutas quanto a circulação das pessoas pela cidade. Além de tabelas e quadros informativos, o livro traz um “portfólio”, com uma relação, organizada cronologicamente, com cada sala de cinema da cidade, acompanhadas de suas plantas arquitetônicas, informações sobre a sua história e detalhes sobre o processo de construção e vistoria junto à prefeitura. A pesquisa é primorosa, como comumente ocorre no trabalho desse historiador, com fontes recolhidas dos arquivos públicos da cidade de São Paulo.

**SOUZA, Márcio. *Silvino Santos. O cineasta do ciclo da borracha. Rio de Janeiro: Funarte, 1999.***

Trata-se de uma edição trilingue (português, espanhol e inglês), que restitui a história da exploração da borracha na região amazônica para compreender o quadro socioeconômico no qual a obra de Silvino Santos, importante documentarista do período silencioso, se desenvolve. Traça também um panorama da vida cultural em Manaus e comenta *No Paiz das Amazonas* (1922). O livro traz a reprodução de todos os

planos desse filme, assim como a de algumas cenas de *No rastro do Eldorado* (1925), *Terra Encantada* (1923), de *Putamaio* (1918), e de filmes domésticos realizados entre 1921 e 1960.

**STAM, Robert. *Multiculturalismo tropical. Uma história comparativa da raça na cultura e no cinema brasileiros*. São Paulo: Edusp, 2008.**

Originalmente publicado em inglês (*Tropical multiculturalism*. Durham and London: Duke University Press, 1997), toma como ponto de partida o cinema de ficção brasileiro. O autor aborda o cinema em seu diálogo com a literatura e a música, para examinar a questão racial em nossos filmes e a história do Brasil através de sua representação cinematográfica. Como indicado no título, a perspectiva teórica é multiculturalista e o desafio da pesquisa é tornar visível, por meio do comentário das obras, “o multiculturalismo reprimido mesmo nos textos dominantes” (p. 40). No capítulo dedicado ao período silencioso, “As ausências estruturantes do Cinema Mudo, 1898-1929”, examina a ausência de negros nos filmes e o predomínio de temas indianistas, dentre outros aspectos.

**STEYER, Fábio Augusto. *Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896 – 1930)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.**

Tendo como base extensa pesquisa documental realizada nos jornais e revistas porto-alegrenses, o autor historia a presença do cinema na cidade e no estado do Rio Grande do Sul. No primeiro capítulo discorre sobre o cinema em Porto Alegre para depois esboçar um quadro geral da imprensa na cidade, destacando os seus principais aspectos políticos e ideológicos. A seguir, a discussão é feita por blocos temáticos, como cinema e teatro, cinema e sociedade, cinema e educação, etc.

**STIGGER, Helena. “Amor que redime. Reconstituição do pionerismo do cinema gaúcho”. En: Gutfreind, Cristiane Ferreira e Carlos Gerbase (orgs.). *Cinema gaúcho. Diversidades e inovações*. Porto Alegre: Sulina, 2009, pp. 39-64.**

O estudo trata do filme desaparecido *Amor que redime* (1928), de E. C. Kerrigan, recuperando a recepção crítica, principalmente por intermédio de *Cinearte*, e sua relação com os debates de época sobre o cinema brasileiro. Historia também a trajetória do diretor e recupera elementos sobre a obra a partir das informações coletadas.

**SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras. Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.**

Neste estudo pioneiro, a perspectiva é a “de perceber o que *distingue* a produção literária do período” (p. 15) em um confronto “com uma paisagem tecno-industrial em formação” marcada pelas “diferentes figurações literárias dos artefatos modernos, dos novos meios de locomoção e comunicação, da nascente indústria do reclame e da imprensa empresarial que se afirma no Brasil no início do século XX” (p. 15). O “cinematógrafo de letras”, expressão retirada de João do Rio, implica na “compreensão da literatura como técnica” (p. 135). As formas como o cinema será abordado por Artur Azevedo, João do Rio, Oswald de Andrade permite “verificar como se modificam, ao mesmo tempo, o modo de encarar a técnica e de a produção literária se relacionar com ela ao longo do período” (p. 135) .

**TACCA, Fernando de. *A imagética da Comissão Rondon. Etnografias filmicas estratégicas*. Campinas: SP. Papirus, 2001.**

Com apresentação de Sylvia Caiuby Novaes, o livro se dedica aos filmes e fotografias produzidos pela Comissão Rondon e de seu realizador, o major Luiz Thomaz Reis. O objetivo é o de perceber, por meio da análise, a “construção de uma imagem ‘oficial’ do índio brasileiro, como estratégia de ocupação do Oeste e das fronteiras nacionais” (pp. 14-15). História as atividades cinematográficas da Comissão, assim como situa o destino das imagens fixas, campo dos relatórios oficiais, e em movimento, voltadas para o público urbano e com o intuito de formar opinião. No que diz respeito aos filmes, as sessões eram concorridas, acompanhadas por palestras de Rondon. Atribuindo certas categorias de representação aos documentários (“a imagem do índio como ‘selvagem’”, “pacificado”, “integrado”, “civilizado” e a dos “guardiões das fronteiras”), são examinados, *Rituais e festas bororo* (1917), *Ronuro, selvas do Xingu* (1924), *Os carajás* (1932), *Parimã, Fronteiras do Brasil* (1927), dentre outros.

**TATAGIBA, Fernando. *História do cinema capixaba*. Vitória, ES: Prefeitura Municipal de Vitória, Secretaria de Cultura e Esporte, 1988.**

O livro, como indicado no título, historia a presença do cinema no estado do Espírito Santo, com destaque para sua capital, Vitória. Na primeira parte, “As construções”, dedica-se a mapear as salas de exibição construídas e inauguradas durante o período

silencioso, apesar de se estender o trabalho até os anos 1980. A terceira parte, intitulada “As ilusões”, recupera brevemente a trajetória de Ludovico Persisi, que “inventou uma interessante máquina cinematográfica” (p. 109) nos anos 1920.

**TRUSZ, Alice D. *Entre lanternas mágicas e cinematógrafos. As origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre 1861-1908*. São Paulo: Terceiro Nome/Iniciativa Cultural, 2010.**

Esse trabalho, oriundo de uma tese de doutorado defendida em 2009 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, venceu o I Prêmio SAV (Secretaria do Audiovisual, ligado ao Ministério da Cultura) para Publicação de Pesquisa em Cinema e Audiovisual. Aborda, baseada em extensa pesquisa documental, o circuito de exibição em Porto Alegre de lanternas mágicas entre os anos de 1861 e 1896. Esse circuito, que inclui as redes que partem do Rio de Janeiro, passam pela capital do estado do Rio Grande do Sul, e se estendem à região do Prata, Montevideu e Buenos Aires, antecede a chamada “exibição cinematográfica itinerante” (1896-1907) e as primeiras experiências de sedentarização do circuito exibidor em 1908 naquela cidade.

**WERNECK, Ronaldo. *Kiryri rendáua toribóca opé. Humberto Mauro revisito por Ronaldo Werneck*. São Paulo: Arte Paubrasil, 2009.**

Traz rica iconografia, seleção de textos de autores que se debruçaram sobre o cineasta mineiro, além de extensos comentários do autor sobre a sua vida e obra, em uma história que recupera o período de formação em Cataguases e os filmes realizados na década de 1920, dentre outros aspectos.

**VERIANO, Pedro. *A crítica de cinema em Belém*. Vol. 1. Belém, PA: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1983.**

Em parte do capítulo “Os primeiros passos” (pp. 15-37), o autor recupera as primeiras crônicas sobre a presença do cinema, as notícias sobre os espaços de exibição de filmes, e a criação em 1921 do *Olympia-Jornal*, semanário ligado à empresa proprietária do Cinema Olympia que permitiu o exercício da crítica na capital do estado do Pará.

**VERIANO, Pedro e Maria Luzia Miranda Álvares (org).** *Cinema Olympia. Cem anos da história social de Belém (1912-2012)*. Belém: GEPEM, 2012.

O livro trata da história do Cinema Olympia, inaugurado em 1912, dentro de um contexto marcado pela riqueza gerada pelo extrativismo da borracha. Em relação ao que interessa ao pesquisador do cinema silencioso, o capítulo primeiro, com estudos de Pedro Veriano, Vicente Salles e Ramon de Baños, fornece elementos para a compreensão não apenas desta sala de exibição mas do fenômeno cinematográfico em Belém, capital do estado do Pará.

**VIANY, Alex (org).** *Humberto Mauro. Sua vida, sua arte, sua trajetória no cinema*. Rio de Janeiro: Artenova/Embrafilme, 1978.

O livro, importante instrumento de pesquisa, é organizado em três partes. Na primeira, “Revelação, redescoberta, permanência”, o leitor interessado em cinema silencioso encontrará a reprodução de diversos comentários críticos sobre a obra de Humberto Mauro, todos precedidos de pequenas notas de Viany, de personalidades significativas do cinema brasileiro, como Francisco Luiz de Almeida Salles, Benedito J. Duarte, Octávio de Faria, Glauber Rocha, Carlos Ortiz, dentre outros. Nesses comentários é possível divisar os traços autorais que compõem sua obra desde os anos 1920. A segunda parte traz textos do próprio Mauro, escritos entre 1932 e 1977. A terceira é dedicada à preparação do filme *A Noiva da Cidade* (1978), de Alex Viany, com argumento do diretor mineiro. Ao final, filmografia estabelecida por Paulo Perdigão.

**VIANY, Alex.** *Introdução ao cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1959.

O livro de Alex Viany procurou sistematizar todos os dados existentes sobre nossa história em uma perspectiva evolucionista, como indicam os títulos dos capítulos, “A infância não foi risonha e franca”, “Onde o rapazinho leva um tombo”, “Onde o rapazinho enfrenta crise após crise”, ou seja, espera-se que o “rapazinho” um dia se torne homem e consiga seu lugar no mundo. A compilação de dados, mais do que as interpretações e as sínteses, nortearam a confecção do livro. Sua intenção era a de lançar um “livro-piloto, base de um futuro trabalho, mais metódico, mais equilibrado, mais crítico” (p. 16, referente à segunda edição, de 1993). Revela também sua “ignorância quanto aos primórdios de nosso cinema”. Mesmo assim, ao recuperar a história do cinema brasileiro no período silencioso no primeiro capítulo, destaca o interesse de

literatos e intelectuais pelos filmes nos anos 1900; a primeira filmagem; o primeiro longa-metragem (“prêmio” atribuído a *Os Estranguladores*, 1908, de Antonio Leal); os filmes cantantes; personalidades como Paolo Benedetti, “outro homem notável” (p. 32); “os precursores do realismo” (p. 37); filmes dos anos 1920, como *Barro Humano* (1929), de Adhemar Gonzaga, *Limite* (1931), de Mário Peixoto; os “surtos regionais”; os “esforços individuais” de Humberto Mauro, Almeida Fleming, dentre outros aspectos.

**XAVIER, Ismail. “Progresso, disciplina fabril e descontração operária. Retóricas do documentário brasileiro silencioso”. En: Morettin, Eduardo; Marcos Napolitano; Mônica Kornis (org.). *História e documentário*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 45-66.**

Ismail Xavier examina, dentre outros documentários destinados a louvar os feitos dos industriais de São Paulo, *Sociedade Anonyma Fábrica Votorantim* (1922), de Armando Pamplona. A riqueza deste estudo reside na identificação de uma retórica comum aos documentários brasileiros do período silencioso, caracterizando um estilo das imagens que se insere, de maneira nem sempre harmônica, com a realidade sócio-histórica que lhe deu origem. Xavier termina com uma reflexão sobre o uso de *Votorantim* como material de arquivo em *Os Libertários* (1976), de Lauro Escorel, avaliando as distintas iconografias construídas em torno da classe operária.

**XAVIER, Ismail. *Sétima Arte. Um culto moderno. São Paulo: Perspectiva/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia dos Estado de São Paulo, 1978.***

O livro ganhou em 2017 a sua segunda edição. Na primeira parte, o autor historia as principais teorias do cinema das chamadas vanguardas históricas do cinema dos anos 1920, discutindo suas principais vertentes, sendo o futurismo um dos exemplos, e conceitos, como o da fotogenia, e autores, como Ricciotto Canudo, Jean Epstein, Louis Delluc, Germaine Dulac. São temas: a relação entre modernidade e cinema; a defesa do estatuto artístico do cinema, sendo entendido esse “artístico” de diferentes modos, mas tendo em comum o movimento de afirmação de um específico cinematográfico que diferenciaria o novo meio daquilo que era considerado passadista, como certa literatura e tradição teatral; o cineclubismo, dentre outros aspectos. A segunda parte trata do Brasil, comentando o surgimento de revistas de cinema no final dos anos 1910, o divórcio entre a crítica e a produção aqui realizada, a

análise das críticas de Antonio Campos, a relação entre modernismo de 1922 e o cinema por meio da análise da revista *Klaxon* e as ideias de Mário de Andrade, o exame de *O Fan*, meio de expressão dos membros do Chaplin Club, dentre eles, Octavio de Faria e Plínio Sussekind Rocha, e da ideologia de *Cinearte*, revista de fãs, sobre cinema, com destaque para as considerações sobre a decência, “o subentendimento” e “a estética do falseamento”.

---

\* **Eduardo Morettin** es Professor de História do Audiovisual da Escola de Comunicações e Artes da USP. É autor de *Humberto Mauro, Cinema, História* (São Paulo. Alameda Editorial, 2012) e um dos organizadores de *História e Cinema. dimensões históricas do audiovisual* (2ª ed., São Paulo. Alameda Editorial, 2011) dentre outros livros. É um dos líderes do Grupo de Pesquisa CNPq História e Audiovisual: circularidades e formas de comunicação. É membro do Conselho da Cinemateca Brasileira desde 2007. E-mail: [cunhamorettin@uol.com.br](mailto:cunhamorettin@uol.com.br).